

#sinodalidade



Editore

Istituto Internazionale
Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano, 81
00139 Roma
tel. +39 06872741
fax +39 0687132306
www.rivistadma.org
editor@rivistadma.org
dmanews1@cgfma.org

Direttrice responsabile
Mariagrazia Curti

Redazione

Maria Ausilia De Siena
Gabriella Imperatore

**Hanno collaborato
a questo numero**

Pascaline Affignon, Maria Baffundo,
Runita Borja, Mara Borsi,
Giulia Paola Di Nicola, Attilio Danese,
Mariano Diotto, Gabriella Imperatore,
M^a Paloma Redondo Pérez de la Ossa,
Paolo Ondarza, Andrea Petralia,
Maria Rossi, Veronica Petrocchi,
Célia Aparecida da Silva e
Cecilia Fauza (tradutores).

Layout e grafica
VICIS Srl

Impaginazione e tipografia
VICIS Srl

V.le delle Provincie, 37 - 00162 Roma
www.vicis.it

Edizione Extracommerciale

La rivista **dma** è realizzata su
La rivista dma è realizzata sobre
carta ecologica certificata FSC,
costituita de pura celuloze e.c.f. e
por un elevado conteúdo de fibras de
recuperação (pelo menos 25%).

foto Archivio FMA
foto Shutterstock



Associata USPI
Unione Stampa
Periodica Italiana

Sumário

Editorial

Sinodalidade: um
desafio empenhativo **01**

Dossiê

Janela sobre a
sinodalidade **02**

Edu@car

Credibilidade **12**



Horizonte família

Sinodalidade entre
aspiração e realidade **16**

Fio de Ariadne

Em sinodalidade
de toda maneira **20**

#150° IFMA



Ecologia integral

Plenitude de vida: sonho
de todos e para todos **24**



Em êxodo

Não te esqueças da
hospitalidade **28**

#150° IFMA

Entre memória e futuro **31**

Polifonia

DNA cristão **34**

#comosjovens... em escuta

Extrair o bem **37**

Cultura della comunicazione

Cyber ativismo,
uma modalidade de
participação **40**

Arte e cultura

Diálogo e Encontro **44**

Música

A confiança:
gestos e fatos **47**

Cinema

Minari **50**



Literatura

Sinodalidade missionária
e Igreja africana **53**

Camila

É tempo de ... escuta **56**

Dossiê



02

27 de março de 2020. A indelével imagem de Papa Francisco na deserta e cinzenta praça São Pedro, em tempo de pandemia, é ainda viva no coração dos que creem e dos que não creem, e tornou-se símbolo de uma humanidade a caminho consciente da forte ligação que une todos os seres humanos. “Estamos todos na mesma barca”, muitas vezes envolvidos pela escuridão da solidão e pelo gelo da indiferença. O Papa, recolhendo o grito silencioso da humanidade, soube despertar a esperança, o início de um novo caminho, a renovada consciência de sermos “todos frágeis e desorientados”, mas ao mesmo tempo importantes e necessários, todos chamados a remar juntos”, a redescobrir o fascínio do navegar tecendo liames de solidariedade, harmonizando as diferenças, fixando o olhar na direção de grandes horizontes. Esta é a sinodalidade, um conceito que a Igreja desde há algum tempo trouxe ao palco da vida com a intenção de redescobrir seu sentido profundo, de reapropriar-se de um estilo de vida constitutivo do povo de Deus e de despertar o fascínio do caminhar junto, indispensável para uma real renovação nas comunidades.

Caminhar junto não é automático, não é já garantido, não é só desejo, é uma contínua e paciente aprendizagem de uma arte que nos permite sincronizar os nossos passos, harmonizar as diferenças, abrir-nos à criatividade do Espírito Santo que orienta nosso olhar para grandes horizontes. É um caminhar dinâmico, construído com o aporte de todos, também dos pequenos e marginalizados que nos levam continuamente aos caminhos de Deus. Sim, pois o caminho sinodal não se endurece em percursos preconfeccionados, rigorosamente projetados, mas se define ao longo do caminho, se desenvolve no tempo através da escuta,

do confronto, do discernimento, da confiança recíproca a ser renovada no dia a dia.

A sinodalidade é autêntica quando se torna estilo de vida, quando não é só fruto de reflexão partilhada em reuniões, certamente necessárias, mas é reflexão rápida, eficiente, que se traduza em escolhas concretas na vida cotidiana, espaço onde amadurece a linguagem da comunhão e da fraternidade.

É esta experiência vivida no Capítulo XXIV, onde o Espírito sugeria profundas reflexões, que nos permitiu delinear o caminho a percorrer nos próximos anos, e sobretudo criou um belo clima de real partilha da Palavra que toca a vida, um encontro cotidiano profundo com o Senhor que nos uniu em fraternidade, fundamento da comunhão entre nós. O tempo irá cancelar os conteúdos aprofundados, mas não poderá arranhar, alterar uma experiência significativa impressa no coração, experiência que nos leva a crer firmemente que, apesar dos limites e do inevitável cansaço, a comunhão com Deus e com o outro é possível, mesmo nos momentos em que a nossa resiliência é colocada à prova.

Confiemo-nos a Maria, infatigável companheira de viagem e sigamos em frente com esperança, tão necessária no momento histórico que atravessamos, com a certeza de que o Senhor está sempre presente na nossa barca e nos encoraja a não abandonar os remos, mas a sincronizar as nossas energias para nos lançarmos ao largo no mar imenso da plenitude da vida.

Editorial

Sinodalidade: um desafio empenhativo

Maria Ausilia De Siena, FMA

ausilia@cgfma.org



Janela sobre a sinodalidade

Dossiê

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@cgfma.org

A janela sobre a sinodalidade se abre no 12 de setembro de 2021, início do Capítulo Geral XXIV do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora: “Há eventos que acontecem um dia e duram justamente o tempo de serem recordados para sempre. Não se sabe se as palavras são o instrumento mais adequado para descrever a riqueza do que se viveu de graça, de relações, de esperanças, de emoções. Não se acha como expressá-las, nos atraem e são inatingíveis, parecem informes, mas nos formam, nos contêm e são irreprimíveis, absolutamente insuficientes se se experimenta revesti-las de gramática. Precisaria grande poeta para realizar tal façanha ou, pelo contrário, precisaria escolher o “silêncio” para respeitá-las, mas, assim, renunciarei a partilhar uma experiência tocante” (Cf Simone Cristicchi, *HappyNext. Alla ricerca della felicità*. Milano, La nave di Teseo 2021).

“

A sinodalidade é um estilo, é um caminhar junto, e é o que o Senhor espera da Igreja no 3º milênio.
(Papa Francisco)

”

A vida retoma, após o tempo pleno do desenvolvimento do Capítulo Geral XXIV do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, acontecido na Casa Geral, em Roma, de 12 de setembro a 24 de outubro de 2021: **“Fazei tudo aquilo que Ele vos disser”** (Jo2,5). *Comunidades geradoras de vida no coração da contemporaneidade.*

As 172 Capitulares, provenientes de 97 países dos cinco Continentes, foram solicitadas a fazer *“Tudo aquilo que Ele disser”*, para que a água da existência e da missão educacional pudesse ser transformada em vinho novo e bom, infundindo coragem de enfrentar os desafios da contemporaneidade para serem *“comunidades missionárias voltadas ao anúncio do Evangelho às periferias, com a paixão das primeiras Filhas de Maria Auxiliadora”* (cfr. Papa Francisco às Capitulares, 22 de outubro 2021), criando estilos sinodais de comunhão e de vida para todos, a modo de irmãos.

■ Sinodalidade, um caminho de conversão comunitária

A Pandemia chamou-nos a colher este tempo de prova como um tempo de escolha, uma oportunidade real de conversão, de transformação, de repensamento dos estilos de vida e de animação, de revisão das estruturas, das obras, privilegiando os mais pobres, os mais vulneráveis, aqueles que são discriminados. A solidariedade não é uma palavra ou uma promessa vã, é necessário encontrar novas vias capazes de afirmar a dignidade humana e a superar “a tão difusa e consolidada cultura do descarte. (Cfr. Vídeo mensagem do Papa Francisco à 75ª sessão da Assembleia Geral da ONU, 25 de setembro de 2020). É preciso, pois, uma mudança de rota. A pandemia demonstrou que não podemos viver sem o outro; é preciso que lancemos pontos e caminhos juntos para construir o futuro que desejamos. *“A sinodalidade não é uma veste externa, mas um estilo que começa com a escuta, transparece na linguagem e no comportamento, nas relações, nas escolhas, no modo ordinário de viver. A sinodalidade é gerativa.*

É um olhar sobre o homem e sobre a realidade, requer espiritualidade evangélica e pertença eclesial, formação contínua, acompanhamento, educação, conversão ecológica, criatividade”.

A sinodalidade é um processo: “não é uma estrada marcada desde a partida. Requer abertura às surpresas de Deus que, através da escuta dos outros, chega a tocar-nos, a sacudir-nos, a modificar-nos interiormente. É necessária uma conversão do coração e do espírito, e um treinamento ascético para a acolhida e a escuta recíproca, o que significa passar do “eu” ao “nós. Mas um “nós” que integra em uma aproximação inclusiva os “eus” individuais. Um “nós” no qual cada ‘eu’ é autor para servir ao bem comum, tomando consciência que “a vida é um caminho comunitário onde as tarefas e as responsabilidades são divididas e partilhadas em função do bem comum”. (Nathalie Becquart, Subsecretária do Secretariado Geral do Sínodo dos Bispos).

A experiência do Capítulo Geral XXIV nos insere no todo das celebrações do 150º no qual o Instituto faz memória da fidelidade de Deus e da presença de Maria Auxiliadora. Com Maria queremos ser “presença” que gera vida, um evidente apelo à categoria da “presença”, isto é, um “estar” como pessoas e comunidades educativas no coração da contemporaneidade. A presença de Maria, como em Caná da Galileia, se torna tangível no Instituto das FMA: “Maria está aqui e caminha nesta casa”, ressoam claras as palavras de Dom Bosco que nos permitem viver cada encontro e cada decisão com atitude de escuta dos apelos de Jesus e da sociedade, assumindo o mandato “*Confio a ti essas meninas*” com o coração de Maria, para gerar vida na missão educativa em meio às jovens e aos jovens. (Instituto FMA, Com Maria, ser ‘presença’ que gera vida. Atos do CG XXIV, Roma 12 de setembro - 24 de outubro de 2021).



■ Sinodalidade: Interconectadas, à escuta do Espírito Santo e do mundo.

No 27 de março de 2020, na Praça São Pedro em Roma, aconteceu uma coisa simples e significativa. Um momento extraordinário de oração uniu o mundo todo. As imagens eram poderosas e dramáticas. Nós nos perguntávamos a respeito daquilo que vimos, e tudo aquilo que era importante era visível aos olhos: “*tomamos consciência de nos encontrar na mesma barca, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários, todos chamados a remar junto, todos necessitados de nos confortar reciprocamente. Nesta barca ... estamos nós!*” No CG XXIV nos encontramos todas juntas,

representando as diversas e complexas realidades dos cinco Continentes. A profunda comunhão entre nós foi uma força e um evidente sinal profético de um percurso sinodal, de um caminhar junto, na mesma estrada!

“*Encarnamos o estilo de Deus que caminha na história e partilha as vicissitudes da humanidade? Estamos dispostos à aventura de caminhar junto e não nos refugiar nas desculpas do “sempre se fez assim”?*”

■ Chamados a ser profetas

O estar Maria nas Bodas de Caná é testemunho de uma presença ativa, atenta, próxima: “*a Mãe de Jesus estava lá!*” Maria continua a estar presente e caminha conosco, está nas nossas casas, acompanha nossas Comunidades Educativas, tornando-as geradoras de vida e de fecundidade vocacional. Este é o dom maior para nós, um dom de serenidade e de profecia, uma luz para o futuro. *Somos, pois, chamadas a estar “entre”.* Maria está próxima, antecipa-se às necessidades para garantir a alegria da



6 festa. Maria recolhe concretamente o grito silencioso de quem sofre e o percebe com sensibilidade. Aquele “*não há mais vinho*” é o convite “a estarmos presentes e sermos sacramentos da presença de Jesus, a sermos sensíveis em nossa visão, na nossa escuta e em nossas palavras, ao grito dos jovens”.

■ Chamados à profecia do Tu

Maria confia no Filho e gera a profecia do tu, **fazei o que Ele vos disser**. “*A profecia não é somente uma presença significativa, nem mesmo uma visão e leitura da realidade, mas é corajosa presença ativa, é decisão consequente, é paixão que se torna ação*”. Como Maria somos chamadas a ser presença acolhedora, apaixonada, sensível no cuidar dos outros, em antecipar-nos às necessidades, em sermos agentes de mudanças; presença que sabe correr o risco e procura corajosamente o bem de todos. Somos chamados a viver junto a profecia “*pontes entre as necessidades e o milagre. O Batismo fez de nós sacerdotes, mediações entre o grito dos pobres, entre as necessidades dos jovens e da nossa gente, mas o milagre somente Jesus pode realiza-lo*”. Somos chamados “a ser DOM para os outros; chamados a viver o dom como mediação de serviço por escolha, em abertura a Deus que nos encoraja também a “*colmar de água os jarros*”, isto é, a viver com alegria a nossa específica missão de ser sinais de esperança entre as Irmãs e os jovens, dóceis à tarefa que nos foi confiada, com fidelidade criativa, plena,

gratuita “*enchendo os jarros completamente*”. (Cf Leoni Erino, sdb *Meditazioni per le giornate di spiritualità*, Roma, Casa Generalizia, 13-15 settembre 2021)

■ Chamados a tecer redes de relação

É tempo de viver em plenitude no coração da contemporaneidade, é tempo de voltar ao essencial, de caminhar junto indicando novas perspectivas de vida. É tempo de escutar e responder ao grito das e dos jovens, dos pobres e da terra, com a coragem de sair dos esquemas, das estruturas, da autorreferencialidade, da preocupação de perder seguranças. (Atos do CG XXIV nº 6). É urgente “construir comunidades sinodais nas quais todos sejam ouvidos, onde todas as vozes são valorizadas, especialmente as vozes mais frágeis e débeis, onde há lugar para todos na mesa das decisões. É preciso fazer crescerem Comunidades Educativas tecidas por relações *Inter geracionais, interculturais e Inter congregacionais* fraternas e solidárias. Essas relações em suas diversidades constituem preciosa ocasião para o exercício da *pedagogia da acolhida e da escuta*, da valorização do diferente, sempre como riqueza.

Em Caná, Maria *prevê, precede, provê*. Exercita com fineza o estilo preveniente de Deus. É um apelo para nós de solicitude materna na realização do Sistema Preventivo entre as e os jovens. (cfr. C 7) A atitude de Maria em Caná, coloca em evidência a *proximidade e vizinhança*, promove *relações de afeto por meio do contato e do diálogo*, suscita a vida entendida como ‘cuidado

com’ e *interdependência*. Maria se deixa envolver em um serviço sinodal, está ao lado de quem é necessitado; ela, assim, não permite que a alegria venha a faltar. Gera um ambiente de interação, de comunicação; sua palavra aberta ao diálogo é o início e o convite à mudança de situação. Age de modo que todos os participantes possam interagir em uma rede de vínculos, gerando uma atmosfera serena e alegre que se respira e se goza.

Main, em Mornese, gera este peculiar *espírito de família* que se torna paradigma, referência e “*estilo de vida nova*”, capaz de incluir todos os membros da comunidade. Maria abre uma nova via de relação com Jesus, um novo caminho de intervenção nas decisões e

“

Estar à escuta e com olhar de esperança; colher, com olhos novos a realidade que nasce e continuamente renasce.
(Atos CG XXIV n.13)

”

nas transformações; coloca-se a serviço da comunidade em condições de equidade e de comunhão. Promove um estilo de animação como leader da comunidade, com uma marca feminina, materna e geradora de vida. É uma animação que envolve toda a comunidade em processo mantidos em conjunto e complementação. Gera uma sinergia capaz de suscitar a coordenação para a comunhão, a participação ativa e responsável de todos, a *subsidiariedade e colegialidade*, como possibilidade de aprendizagem em vista de uma nova igreja, a igreja sinodal” (RICCIOLI Marta Liliana, *Apporto biblico al documento di lavoro del CG XXIV 2021. “Fate tutto quello che Egli vi dirà” (Gv 2,5). Comunità generative di vita e cuore della contemporaneità*, testi proposti alle Capitolari, Roma Casa Generalizia, 24 settembre 2021).



■ Sinodalidade: a magia da gratuidade tece redes de fraternidade

“Após um período de quarentena, chegamos todas à Casa Geral FMA em Roma. Fomos acolhidas pelas Conselheiras Gerais com grande fraternidade. Percebemos o quanto éramos realmente esperadas. Tudo estava pronto! Cada detalhe, cuidados, e assim, nos sentimos logo em casa. Um primeiro momento de conhecimento recíproco no salão nos fez experimentar a incrível alegria das Bodas de Caná! Provar o vinho de Mornese nos fez experimentar o gosto do vinho bom: a beleza da comunhão fraterna mundial! Com todos os meios, com perseverança e fé, foi possível este encontro com todas as Capitulares do mundo, presentes, apesar das medidas restritivas devido à Pandemia Covid-19. Nós estávamos felicíssimas por estar ali! Tocamos com nossas mãos a graça da Providência de Deus e o auxílio poderoso de Maria Auxiliadora. Quando Madre Yvonne declarou “oficialmente aberto o CG XXIV” estávamos todas comovidas e cheias de alegria. O desfile das bandeiras e as celebrações in *direta streaming* tornaram concreta a nossa comunhão com os jovens, os leigos e todas as Comunidades Educativas das 97 Inspetorias / Visitadorias do Instituto FMA nos cinco continentes. Gozei da “presença real” de cada uma: rezar e viver o silêncio espiritual juntas, dialogar nas subcomissões, comissões, assembleias; trocar lugares à mesa do convívio a cada dois dias, com entusiasmo; caminhar daqui e dali, divertir-se e alegrar-se durante os recreios. Graças à experiência do CG XXIV, conheço mais de perto a vida e a missão de cada Capitular, as diferentes Inspetorias / Visitadorias e Conferências Interinspetoriais. A troca de experiências foi muito enriquecedora. Tomei

consciência da força da Rede FMA, da sinergia em favor da solidariedade, da educação e da formação, da colaboração e envolvimento dos leigos e jovens que nos precedem em tantas vias de conversão. A escuta era profunda, recíproca. Apesar das dificuldades da língua e contextos culturais tão diversos, tocamos com a mão uma fraternidade simples, sincera que aquecia o coração.

Para mim o CG XXIV foi uma oportunidade para retomar em profundidade todos os aspectos da minha vocação. Pude interiorizá-los, purificá-los, sintonizá-los com o das Irmãs de todo o mundo. O percurso de discernimento para a eleição da Madre e do Conselho Geral foi um caminho de conversão pessoal e comunitário, um olhar o Bem do Instituto FMA no hoje, a partir da regeneração da própria vida. O tempo de eleição foi um verdadeiro sopro de Espírito Santo que guia, unifica, potencia, ajuda a caminhar na fé. Ao redigir o Documento Final e as escolhas prioritárias, estivemos atentas em nos dirigir a todas as Comunidades Educativas. Não nos atrasamos nas vírgulas e nos pontos; procuramos mais a clareza e a audácia dos conteúdos e das linhas de orientação para o próximo sexênio. A visita do Papa Francisco no 22 de outubro foi uma verdadeira surpresa que permanecerá “histórica” na cronistória do Instituto das FMA! Este Capítulo me fez apreciar sempre mais a vida salesiana, a fraternidade que vivemos entre nós, o entusiasmo missionário em favor dos jovens mais pobres e o cuidado pela “casa comum” e a Terra. Sinto que o sentido de pertença ao Instituto FMA cresceu. Sou muito feliz por ser FMA!

Neste momento sinto uma profunda gratidão pelo Instituto FMA e por aqueles (as) que tornaram possível o “milagre” do CG XXIV de modo

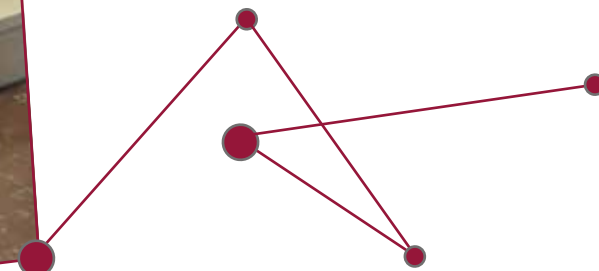
presencial e da comunhão para caminhar junto e com audácia na direção de um futuro de esperança para o Instituto FMA. De volta a “Cafarnaum”, espera-nos a transmissão da experiência capitular a ser comunicada a toda a Inspetoria. O rico material recebido nos ajudará a suscitar o mesmo entusiasmo nas FMA, Comunidades Educativas, Leigos e jovens da Família Salesiana para um renovado entusiasmo vocacional e missionário” (Michèle Decoster, Delegata dell’Ispettorica Notre-Dame des Nations, Francia-Belgio Sud FRB; decostermichele@hotmail.com)

■ A Mãe estava lá

14 de novembro de 2021: passaram-se cerca de 20 dias da minha volta do Capítulo Geral. A este ponto, quando experimento escrever uma lembrança sobre a experiência capitular, me parece ter sonhado. Ao mesmo tempo me admiro que não seja um sonho, mas uma realidade. Sinto que a beleza das *Bodas de Caná* está começando justamente aqui na Inspetoria coreana. O Capítulo Geral foi uma experiência rica de comunhão na diversidade, dando respostas de fé, experimentando experiências concretas e iluminadoras desde mais diferentes pontos de vista. A graça que recebi foi a de “conversão” do coração e da mente; sinto-me renovada. Deus suscitou em mim um coração novo para que cumpra com alegria a missão educacional da Inspetoria, um coração empenhado para a glória de Deus e a salvação das almas, para amar profundamente as Irmãs, apesar de seus limites e diferenças. Diz-se que quando o Espírito Santo toca uma alma, o coração é tocado e as lágrimas escorrem espontaneamente. O toque da alma que me aconteceu durante o Capítulo Geral, fez-me derramar lágrimas muitas vezes e desejo compartilhar algumas delas.

O 12 de setembro foi a jornada do conhecimento: o vídeo sobre as Bodas de Caná, aquela cena inserida entre as diversas sequências do banquete, Nossa Senhora e Jesus que dançavam com os hóspedes; aquele silêncio misterioso, a relação de Jesus com Maria: “*não é chegada ainda a minha hora*”, a Mãe que percebe que o vinho estava faltando. Tudo isso me fez pensar muito e tive uma certeza muito forte. O Capítulo Geral foi possível pela intervenção de Maria! Tive consciência de que foi Maria quem desejou este Capítulo e isto me comoveu e me fez experimentar muita gratidão. Também quando foi anunciado que a Audiência com o Papa não aconteceria, continuava a ressoar em mim a certeza: “Ele virá!” O Capítulo tornou-se um momento para viver de modo muito vivo a dimensão mariana da nossa identidade de Filhas de Maria Auxiliadora. Era a hora da Eucaristia da manhã do 14 de setembro. Uma frase da homilia daquele dia ficou-me impressa na mente: “O sangue é alegria”, é mesmo assim! Estas palavras me recordaram a cena na qual a água versada nas ânforas se transformava em vermelho. Cena que nos recordava as gotas de sangue de Cristo que escorrem da cruz. Senti-me muito agradecida pelo mistério através do qual nos foi dada a salvação, o sacrifício de Cristo e entendi que éramos chamadas a vivê-lo. É uma verdadeira alegria vivê-lo no mundo, com os nossos que têm sede d’Ele. Entendi que o grito dos pobres, das criaturas e da terra, da casa comum, é o grito d’Aquele que sofre na Cruz. O Capítulo Geral XXIV foi um momento em que me senti enviada a viver o mistério pessoal, através de uma maturidade espiritual, como consagrada. No Capítulo Geral “estava a Mãe e o Espírito Santo”. (Kim Eun Kyeong Cecilia, Ispettrice dell’Ispettorica Stella Mattutina, Korea KOR; immanuel@fma.kr)





■ Sinodalidade: caminhar junto, fieis ao carisma

“Não se esqueçam da graça das origens, a humildade e a pequenez dos inícios que tornaram transparente a ação de Deus na vida e na mensagem daquelas que, plenas de estupor, iniciaram este caminho” (Cf Papa Francisco às Capitulares, 22 de outubro 2021).

No coração da contemporaneidade, em proximidade dos 150 anos da Fundação do Instituto FMA, somos chamadas a viver a vida como vocação com fidelidade criativa ao carisma salesiano em todo o seu dinamismo apostólico missionário. Maria que caminha nesta Casa e em todas as Casas do Instituto, nos ajudará a não nos esquecermos a graça das origens, a humildade e a pequenez dos inícios que tornaram transparente a ação de Deus na vida de tantos jovens e Irmãs. “Agora é hora de descer de Caná a Cafarnaum com Jesus e Maria, para

partilhar a vida e a missão junto às jovens, aos jovens e aos leigos, para deixar Deus iluminar nossa existência e enfrentarmos com coragem os desafios que encontraremos” (cfr. Madre Chiara Cazzuola, De Caná a Cafarnaum com as ânforas repletas de vinho novo - Circular 1012)

“Fazei aquilo que Ele vos disser”. Maria nos convida a acolher as palavras que Ela diz e colocá-las em prática. Esta é a nossa festa, este é o tempo da sinodalidade e de viver a experiência capitular como tempo de graça e de bênção. Acompanhadas por Ela, caminhemos juntas como Comunidades Educativas assumindo o empenho da sinodalidade para sermos *com Maria*, “*presença*” que gera vida. O vinho despejado nas jarras é uma realidade nova, eis o *milagre da comunhão* para realizar processos de mudança e caminhar junto e com audácia na direção de um futuro de esperança para o Instituto FMA.

“Sejam comunidades geradoras”! “Sejam mulheres de esperança”!



Credibilidade

Mara Borsi, FMA

mara@fmails.it

Nossa história não tem início em nós. Quando viemos ao mundo nos inserimos em uma história que nos precedeu e que, de qualquer modo nos acolhe e nos condiciona. Desde os primeiros dias de vida estamos ligados ao testemunho implícito e explícito que outros nos oferecem com suas presenças e ausências, com os silêncios e as palavras, os gestos e as escolhas. Para crescer precisamos de textos vivos - testemunhos - que nos ajudem a compreender a realidade, que nos restituam metabolizados, as emoções, os sentimentos, que nos apresentem como estar no mundo e como entender algumas situações.

No entanto, entre aquilo que nos é oferecido e aquilo que colhemos, está sempre no meio a liberdade de reelaboração pessoal.

■ Reelaborar e entregar

Os educadores se encontram vivendo continuamente dois movimentos: enquanto *herdeiros* acolhem e reelaboram aquilo que lhes foi oferecido; enquanto *testemunhas* são chamados a entregar nas palavras e nos atos aquilo que experimentaram e colocaram a fogo na própria experiência. Em tudo isso há algo de simples, imediato, pouco ou quase nada programado, tanto que, por vezes, não é nem mesmo avaliado por quem o vive: tudo acontece com fluidez e de modo gratuito, sem cálculos. Tende-se a levar aos outros aquilo em que se tomou parte, aquilo que sentimos nos envolver e que se tornou uma experiência direta, mas também aquilo cujo valor percebemos, mesmo que não claramente. O ter visto, saboreado, sentido, tocado se une à íntima sensação, mesmo frágil e provisória, do significado do que se viveu. Tal sentido não é nunca percebido uma vez para sempre, mas, ao contrário, é aprofundado e colhido no tempo, também graças ao processo mesmo do testemunho. Este é experimentado frequentemente na experiência

educativa: a narração do que se viveu, se modifica no tempo, se purifica, se aprofunda em relação às pessoas a quem diz respeito. O destinatário não é jamais passivo, é um interlocutor, faz perguntas, lê os eventos e isto incide sobre a narração e sobre o próprio testemunho. (Cf. A. Augelli, 2018).

■ Tecer a trama de relações

A função do educador acontece no tecido do mundo por meio da intencionalidade, das relações, dos métodos, dos sistemas de pensamento que coloca em campo uma espécie de filtro entre as novas gerações e o mundo. Educar é ajudar as pessoas em crescimento a tecer uma trama de relações, a saber utilizar as linguagens da cultura que habitam, a viver a afetividade em relações interpessoais autênticas, a elaborar uma orientação existencial pessoal, em grau de unificar todas as relações em um conjunto ordenado, coerente e dotado de significado. O processo educativo tem, de fato, a finalidade de ajudar as novas gerações a dar um sentido e um objetivo construtivo ao próprio desejo de

viver. Requer que o educador seja adulto no sentido pleno da palavra, o que implica que a pessoa, após ter completado a conquista do “eu” na adolescência. Seja sempre mais consciente do percurso da reconquista do *nós*. A conquista do eu conclui na adolescência e se baseia na acentuação da diversidade, da oposição das pessoas a todos os liames que a unem ao todo, constituído pela natureza e pela sociedade; a conquista do *nós*, ao invés, se apoia na acentuação dos liames de solidariedade com toda a realidade sem perder, mas reforçando os confins da própria individualidade. A reconquista do *nós* está ligada ao exercício da responsabilidade e esta não é, senão, a forma adulta da solidariedade. O processo educativo é um dos lugares privilegiados em que o adulto pode viver esta forma de solidariedade profunda e tornar-se, portanto, mais adulto (Cf. M. POLLO, 2008). A consciência de que a realização humana do educador abre aos

jovens um futuro mais rico de possibilidades de vida leva a interrogações sobre as características propriamente educativas da vida adulta. Educar implica, antes de tudo cuidar do outro, possuir disposições éticas que permitam colher na face e na palavra do outro seu pedido de auxílio e estar prontos para procurar responder ao apelo.

■ Ensinar a viver

Levar a amar a vida é a tarefa prioritária para quem, hoje, viva a vocação educativa. Se não se ama a vida é difícil viver. Todos os adultos são chamados a ensinar a viver. Antes de transmitir qualquer coisa, princípio, antes de colocar em ação qualquer programa, somos chamados, como adultos e educadores, a transmitir o que é a vida. Há jovens que não sabem o que é a vida, que ela tem um tempo limitado, que é visitada pelo mistério e, especialmente, jovens que não têm percepção da sacralidade de vida.

*Somos credíveis quando
suscitamos a liberdade
curiosa do outro, quando
testemunhamos que o
campo com a pérola
preciosa existe e pode ser
encontrada junto.*



Os educadores são interpelados, no contexto moderno, a mostrar que a vida é algo de extraordinário porque é envolvida pelo mistério. Ensinar a viver significa também falar do sofrimento não evitável, como parte da experiência e do sentido da pessoa humana, a uma geração que não tolera frustração e dor. É importante voltar a colocar a questão do mistério; também a ciência deixa espaço ao mistério; nem tudo pode ser controlado e verificado através da evidência. O mistério tem uma dignidade própria, é até uma modalidade de conhecimento. (Cf. V. Andreoli, 2018).

■ Continuamente em mudança

Os educadores se revelam tais na relação enquanto educam. É a relação que define a função; de fato, é na ação que se educa. Na relação entre educador e educando, entre aluno e mestre emerge a habilidade educativa. A educação é antes de tudo, relação, que quer dizer, estar interessado no outro. O educador, como também o aluno, se tornam verdadeiros se representam, existem no

momento da relação. Nela tudo é dinamismo, é entrar no jogo, é perceber que a própria posição é um contínuo movimento e é um contínuo apelo ao crescimento, na relação. E em particular na relação educativa se adverte “a profundidade do outro” e é neste momento que o educador, a educadora deve saber extrair de si mesma, aqueles elementos que permitem agir dando respostas que, naquele momento, são colocadas que se tornam educativas. Trata-se de uma visão dinâmica do educador e isto supõe a consciência de que ele está continuamente ‘in fieri’, em formação. A condição humana é aquela de uma

pessoa que se faz perguntas e que não encontra dentro de suas próprias forças a possibilidade de responder a elas. Os educadores são pessoas adultas que experimentam limites, descobrem-se frágeis, vulneráveis e, por isso, conscientes de ter necessidade do outro, mas este sentido da necessidade do outro se amplifica e se torna sentido de comunidade (Cf. V. Andreoli, 2018).

O melhor investimento é o da formação para sermos capazes de enfrentar com sabedoria a mudança como chave interpretativa da realidade.
(Atti CGXXIV, n. 27)



■ A prioridade

Uma educação que parte da consciência da fragilidade, da vulnerabilidade é um agir que pouco a pouco desperta a credibilidade. Seremos educadores críveis, não *super-heróis* é o que pedem as novas gerações. Os *super-heróis* são admirados, mas os jovens sabem que dificilmente poderão ser como eles. Se os educadores procuram ver a vida dos educandos como eles a veem e a experimentam, então estes se sentirão anima-

dos a revelar-lhes o próprio mundo. Este estilo alimenta a relação de confiança e segurança que enriquecem reciprocamente as pessoas que interagem. Como adultos e como educadores somos chamados a dar testemunho, levando uma experiência digna de ser narrada e vivida como exemplaridade capaz de despertar outras experiências igualmente boas. A prioridade, hoje? *Sermos educadores críveis.*

O TESOURO DA EDUCAÇÃO

Janus Korczak: respeitar e amar as crianças

É este o pseudônimo com o qual Henryk Goldszmit (Varsóvia, 1872-1942) se tornou famoso. Escritor, educador e pedagogo com uma acentuada atenção educativa para os pequeninos. Após a láurea em medicina trabalha como pediatra no hospital hebraico Berson e Bauman de Varsóvia até 1912, ano em que decide dedicar-se totalmente à Casa dos órfãos, instituição educativa querida por ele, alinhada aos mais modernos modelos pedagógicos e princípios sociais do tempo.

As bases do seu pensamento pedagógico se encontram em um opúsculo intitulado ‘O direito da criança ao respeito’. Segundo Korczak a criança tem em si uma série de recursos e de capacidades nas quais o adulto não deve interferir modificando-as ou corrigindo-as, pois ele crê que a criança tenha a atitude do justo rebelde, livre nas ações e nos pensamentos. O adulto, o educador é chamado a tornar-se cúmplice do mundo das crianças e capaz de estar com elas. Segundo o autor não basta a escuta dos pensamentos, dos sentimentos e das problemáticas dos educandos. Estes reconhecem a verdade ou não com que o adulto se dirige a elas. Korczak afirma com segurança que os grandes devem, antes de tudo, respeitar a ignorância dos pequenos; por isso o adulto é chamado a evitar o assistencialismo educativo, acompanhando a criança na procura do próprio conhecimento, respeitando seus tempos e suas modalidades.

No texto “Como amar a criança”, publicado em 1914 e revisto em 1929, o autor afirma que um ambiente educativo não deve ser dominado pelo silêncio dos adultos, mas por um clima de confiança construído pelo amor, como condição para crescer na liberdade. Korczak incentiva o educador com

estas palavras: “Seja você mesmo, busque a sua estrada. Procure se conhecer antes de pretender conhecer as crianças. Tenha consciência do que você é capaz antes de delimitar a esfera dos direitos e dos deveres das crianças.” Como se vê a advertência aos adultos é que se sintam seguros em si mesmos, autogovernem-se, conheçam-se antes de poderem ser ponto de referência para as crianças. Quem se empenha na educação, é chamado a cultivar a convicção e a consciência de que a criança não vale menos que o adulto porque é pequeno. Cada menino ou menina conhece suas necessidades, suas aspirações ou emoções e, a partir delas, vive a própria realidade e se move para conhecer o mundo que os circunda. Aquilo que a criança ainda não compreende ou que ainda não conhece, o torna “ignorante”, mas em seu ser desprovido, ele deve ser respeitado. Se o adulto aceita esta situação da criança, mostra-se capaz de compreender que tantas são as situações e as pessoas pelas quais os menores conhecem o mundo e que este conhecimento é possível não só por meio do próprio educador.

O valor mais alto na construção e no desenvolvimento da relação educativa é representado, por Korczak, pela liberdade concedida ao educando de conhecer as ideias, as experiências e a autenticidade do educador e, assim, escolher depois com pensamento crítico, no que crer e quem ser.

Para chegar a esta tomada de consciência e educar à liberdade de escolher e de exercitar um pensamento crítico, é importante que o educador se apresente como pessoa autêntica, isto é, capaz de mostrar-se na própria efetiva consistência. Na relação humana, é preciso ser e não parecer.

Sinodalidade, entre aspiração e realidade

Giulia Paola Di Nicola - Attilio Danese
danesedinicola@prospettivapersona.it

A palavra "sinodalidade" atualmente é proclamada como um refrão, um "slogan", uma "senha" para ter acesso ao consenso eclesial de acordo com as expectativas. Faz eco à intenção de Papa Francisco que, em 9 de outubro de 2021, iniciou no Vaticano um caminho mundial de reflexão e de aprofundamento "Por uma Igreja sinodal" que irá desembocar em outubro de 2023 na celebração da Assembleia plenária do Sínodo dos Bispos, para depois passar à fase de aplicação.

O objetivo do caminho sinodal é envolver de modo capilar o inteiro Povo de Deus, para uma escuta interna da Igreja católica e externa de outras Igrejas, além dos diversamente crentes e daqueles que não creem. As temáticas selecionadas para este percurso são: *comunhão, participação, missão*. Refazendo-nos ao teólogo Yves Congar, o Papa convida a todos a despertar uma "Igreja diferente" que não significa uma "outra Igreja". Trata-se de um nobre

projeto, do qual se sente grande necessidade para renovar o tecido eclesial, inovando sem romper com o passado e encontrando novos modos de viver a pertença sem voar alto acima da cabeça dos crentes. As expectativas são grandes, mas igualmente grandes os temores de que tudo se reduza a "palavras, palavras," (citando o texto musical inserido pela cantora italiana Mina 1972 e que o próprio Papa retomou). De fato, as expressões de alto som correm sempre o risco "de resultarem termos um tanto abstratos se não se cultivar uma prática sinodal".
Perguntamo-nos: *Será mesmo possível, na prática, instaurar um estilo sempre mais participativo e de comunhão na vida eclesial, em todos os níveis? Como conjugar as diversas sensibilidades, os diversos dons e abordagens de modo que nos tornemos de fato "companheiros de viagem" na aventura da Igreja e de toda a humanidade?* Ainda mais concreta é a pergunta: *há na Igreja pessoas educadas ao diálogo, à partilha, à confiança de serem acolhidas e escutadas e, sobretudo, capazes de aceitar expressões de desconforto e críticas?*
Para sermos realistas e não alimentarmos esperanças ingenuamente otimistas, parece

que para aproximar os ideais da realidade muitas coisas precisariam mudar. O trabalho a ser feito não é um projeto de breve ou média duração. Requer anos e talvez, gerações. Trata-se de difundir em todos os grupos, movimentos, paróquias, em estilo de confronto capaz de aceitar ideias diferentes, por vezes também conflitantes, mas sem perder aquele espírito evangélico de respeito pela pessoa que tem a precedência em relação à defesa "a prescindir" de ideias pessoais, políticas e religiosas. Sem meias palavras, o povo que crê não está habituado a isto, nem a hierarquia, nem os fiéis. Prevalece, segundo os casos, uma linguagem aveludada, um acordo preconcebido, um temor reverencial de parecer "fora de tom" em relação ao permitido, quando não o medo de ser marginalizado e reduzido ao esquecimento como no caso em que se desenvolve um trabalho retribuído em âmbito eclesial. A discordância poderia comportar o afastamento do cargo de trabalho.
Quanto à hierarquia, portanto, a classe dirigente que é chamada a orientar, convocar, gerir os encontros - em cuja presença os fiéis tendem a calar ou a concordar, nos perguntamos se



estão em condições realmente de dar espaço ao diferente, deixar-se interrogar sem ter respostas já prontas, aproveitar as críticas, reconhecerem-se todos realmente irmãos e pecadores, suspendendo os julgamentos e deixando de lado a educação nervosa recebida, doutrinal e dogmática, recebida no seminário ou no convento. Grande parte do clero foi preparada durante anos de estudo para pregar, julgar, absolver colocando-se em situação de privilégio que, de fato, torna mais difícil o diálogo. Inevitavelmente o espírito apologético, a análise dos comportamentos, a tendência a converter são atitudes que afastam, inspiram desconfiança, impedem o fluxo da comunicação e participação. Quanto aos fiéis, atualmente é muito grande o número de jovens adultos indiferentes, mesmo entre os praticantes que frequentam a Missa dominical, mas escolhendo aquela que não tem sermão ou um Padre que saiba abreviá-lo. Do mais esses frequentadores dominicais fogem o quanto podem. Os mais próximos da Igreja resultam prevalentemente alinhados, pouco reflexivos em temas que dizem respeito à fé, e sobretudo, pouco dispostos a correr o risco de serem considerados fora da ortodoxia e serem etiquetados e marginalizados de fato. Na sociedade contemporânea é essencial conseguir instaurar uma relação paritária, fora dos recintos; relação que permita reconhecer-se na mesma condição, todos pecadores e todos desejosos de aprender, uns dos outros. Recordemos que foi exatamente isso que impressionou **Ignazio Silone** nos diálogos com dom Luiz Orione (a quem a avó havia confiado depois do terremoto de 1915 da Marsica, que havia destruído sua família). Ele escreveu: *“Precisando resumir em poucas palavras o seu trato, na minha opinião o mais característico, direi exatamente isto: na companhia dele desapareciam as diferenças de idade, e outros*

que fatalmente acompanham a idade. Falando com um jovem, Dom Orione sabia demonstrar uma simplicidade, um frescor, uma candura, uma desenvoltura e, também (por que não?) um despreconceito próprio do adolescente. Mas acontecia também que, inadvertidamente ele começava a falar-lhes com gravidade e confiança, como se o jovem fosse adulto, fosse igual a ele. E, tudo isso, naturalmente, sem artifício, aparência, esforço algum. Como era possível isto? Como era possível que ele se tornasse jovem e que o jovem de repente, fosse um adulto? Que não houvesse mais diferença alguma? Evidentemente (as diferenças) são logo abolidas nos encontros efetivos das almas. E Dom Orione tinha, justamente, tal maravilhosa faculdade. Na minha ulterior laboriosa existência

Cartella Silone, nei Documenti degli Archivi della Casa generalizia degli Orionini, relativi agli anni 1915-1931, FP, 157. Si veda: G.P. Di Nicola-A. Danese, *Ingazio Silone. Percorsi di una coscienza inquieta*, Effatà, Torino 2011.

não conheci ninguém igual a ele”.

Para efetivar os objetivos da sinodalidade, todos deveriam aprender a viver um espírito de genuína partilha com todos. Não é coisa que se aprende nos livros, na escola, nos mass media. Viver as relações em espírito de fraternidade se aprende na família, primeira escola de sinodalidade. De fato, não é mesmo



óbvio que se consiga salvar sucessivamente aquilo que não se experimentou no âmbito das relações familiares, a começar pelas primeiríssimas relações com a mãe. Portanto, João Paulo II escreveu: *“Na educação dos filhos tem função prioritária a mãe. Pela relação especial que a liga à criança, sobretudo nos primeiros anos de vida, ela lhe oferece aquele sentido de segurança e de confiança sem o que lhe seria difícil desenvolver corretamente a própria identidade pessoal e, sucessivamente, estabelecer relações positivas e fecundas com os outros. Esta relação originária entre mãe e filho tem, além disso, um peso educativo todo particular no plano religioso, porque permite orientar para Deus a mente e o coração da criança muito antes que iniciar uma educação religiosa formal”.*

Da mãe se aprende aquela “língua materna” que a custo e de modo imperfeito, um adulto pode integrar com a aprendizagem de outras línguas. Não por acaso é a língua materna aquela que todo ser humano, mesmo poliglota, utiliza na hora da morte. Jesus mesmo, na cruz, grita invocando o Pai na língua da mãe (“Por que me abandonaste?” cf. Mt 27,46; Mc 15,34, citação do Salmo 22,2).

A língua, porém, não indica somente um conjunto de palavras ligadas por regras gramaticais. Inclui, sobretudo, uma certa hermenêutica da vida: além de ser um

conjunto de símbolos convencionais, transmite um modo de ser que é o da mãe com o qual o filho não poderá deixar de contar para ser aquilo que será. A mãe transmite no silêncio das palavras valores, objetivos, modos de fazer, estilos relacionais que os pequenos inicialmente imitam espontaneamente e depois poderão adotar, contestar ou recusar. Se se registra, infelizmente, um déficit de estilo de comunhão nas assembleias eclesiais, é primariamente porque aqueles que a compõem, hierarquia e leigos, não a experimentaram primariamente em família e, talvez, depois, nem mesmo nas comunidades eclesiais nas quais foram introduzidos. Não pode existir sinodalidade sem que se tenha aprendido a arte de caminhar junto, sabendo que o outro é sempre outro em relação ao meu “eu” e sem que se saiba entrar em combinação com seu ritmo na boa disposição de dar conforme as circunstâncias, um passo à frente,



Giovanni Paolo II, *Messaggio per la pace* 1995, consultabile in https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_08121994_xxviii-world-day-for-peace.html, n. 6 (visit. il 20.07.2020).

Em sinodalidade de toda maneira

Maria Rossi, FMA
rossi_maria@libero.it

Uma das escolhas efetuadas pelo Capítulo Geral XXIV, *estar em formação contínua e agir em rede na ótica da ecologia integral é caminhar em sinodalidade. São ações indispensáveis para dar “qualidade” ao nosso ‘estar presente’ como pessoas e como comunidades no coração da contemporaneidade, escreve a Madre nas Palavras conclusivas. São escolhas que contêm um dinamismo profético capaz de iluminar o presente e de encher de esperança o futuro.*

A proposta é formar comunidades sinodais ou, para dizê-lo com palavras mais simples, *comunidades marcadas pelo espírito de família*. As realizações têm sido constantes no Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Basta olhar nossa história e ouvir as narrações entusiastas e comoventes das pessoas que viveram nos nossos ambientes. O tema, porém, embora possa parecer uma “repetição de proposta”, dadas as contínuas mudanças e as sempre mais complexas problemáticas a enfrentar, é uma escolha atual e *indispensável*. Papa Francisco assim nô-lo faz sentir promovendo um Sínodo sobre a urgência de caminhar junto, não só no Vaticano, mas em cada Igreja particular dos cinco Continentes. E isto, concomitantemente com os trabalhos do CG.XXIV em andamento.

■ Tempo de escuta

Ao mesmo tempo que é preciso partir com a confiança e o entusiasmo que caracterizam o espírito salesiano e sem medo do cansaço, poderia ser útil deter-se sobre possíveis dificuldades para prevê-las ou superá-las. Uma destas que se apresenta como desafio, seja para a Igreja como para ao Instituto, é a de *encontrar o tempo necessário para a escuta*, quando tudo se faz urgente e a corrida às urgências é o próprio cotidiano. Não há tempo suficiente para uma escuta respeitosa e paciente de quem é diferente por cultura, mentalidade, idade e saberes, embora desejando partilha e comunhão. Assim, se cria a exclusão. Múltiplas e várias são as formas de exclusão. Podem acontecer por incompreensão e, também, por falta de tempo, como foi dito, em vista de necessidades de organizações mais atentas à eficiência que às pessoas, por falta de atenção e por situações imprevistas. A exclusão pode acontecer em qualquer contexto de vida: ambientes de trabalho, Associações de referência, partidos políticos, escola, paróquia, comunidades religiosas e, também famílias de origem. Pode ser experimentada em todas as idades. Também as crianças, muitas vezes a vivem e sofrem em suas relações e nos seus jogos. A exclusão está muito presente nas dobras da história de pessoas empenhadas em aspectos humanitários e na defesa da dignidade dos últimos. Ninguém a deseja. É grande o sofrimento. Todavia, como em muitos acontecimentos tristes da vida, pode haver

lados positivos. Ter isto presente é prudente, seja para evitar que aconteçam tristes exclusões, seja para saber gerir a situação no melhor modo e não se deixar arrastar pela negatividade.

A exclusão pode se apresentar de várias formas e levar a reações diversas. Uma delas é a auto exclusão. Pode acontecer que uma pessoa que está atravessando um delicado período de crise, interprete um contratempo normal, uma distração, uma incompreensão como uma não aceitação de sua pessoa. O auto excluir-se, então, pode ser percebido como o único modo para manifestar o próprio sofrimento, o próprio valor e encontrar algum alívio. Nestes casos, uma palavra amável de esclarecimento e de conforto poderia resolver a situação. Um encorajamento afetuoso poderia ajudar as pessoas que, por uma certa timidez, tendem a sentir-se excluídas e a excluir-se. Quando, ao invés, a auto exclusão depende de uma crise existencial, vocacional, dificilmente se volta para trás. Como, também quando provém de quem se julga superior ou de quem se deixou levar por posicionamentos negativos. Uma forma de exclusão, aparentemente justificada, é ainda aquela realizada por Instituições de modo formal, por exemplo, limitando os convites para jornadas de encontro e programação, e talvez mesmo sobre sinodalidade, somente às pessoas que assumem funções de animação e governo ou às mais jovens. Envolver e incluir as pessoas de todas as idades, criar espaços onde for possível “dialogar entre gerações” é uma real dificuldade para todas as Instituições, não obstante as contínuas e importantes solicitações do Papa Francisco (Mensagem de Sua Santidade Papa Francisco para a LV Jornada Mundial para a Paz, 1º de janeiro 2022).

■ Resiliência e solidariedade

As reações à exclusão são diversas, como são diferentes as pessoas e os motivos pelos quais a vivem. Quem viveu à margem pode sentir esta situação como quase normal e refugiar-se na pertença à família, à Paróquia e no cultivo dos próprios interesses. Quem viveu plenamente o sentido de pertença e empenhou toda a vida na missão, pode experimentar um sentido de desânimo, de vazio, de desilusão, de obscura

angústia e colocar-se sérias interrogações. É um grande sofrimento que pode explodir na rebelião, no desprezo, no fechamento e no dobrar-se sobre si mesmo, no viver e semear amargor. A história é ampla na apresentação de personagens eminentes que devido a pesadas exclusões, saíram ilesos e até melhores. Basta pensar em alguns dissidentes políticos, excluídos e reclusos como **Nelson Mandela**, nos excluídos por motivo racial como a senadora **Liliana Segre**. Quem vive em contato com o povo, sobretudo se goza de uma vida longa,



pode testemunhar como pessoas socialmente conhecidas, e importantes, como também pessoas desconhecidas, no sofrimento da exclusão, conseguiram colher os lados positivos da questão e a fazer deles um trampolim de lançamento. No momento da prova, o sentido de desorientação, a rebelião, a raiva, o desejo de vingança e de retaliação, por vezes até o pensamento de suicídio,



especialmente se forem estas pessoas iluminadas pela fé, perdem gradualmente a veemência negativa. O vazio que se estabelece em torno ajuda, constrange a descer, a descobrir o essencial, a encontrar Aquele que não exclui. Ajuda a abandonar-se no Seu abraço. Aí é possível encontrar serenidade e despertar aquela *Resiliência* que, apoiando-se em energias positivas disponíveis, encontra a força de reentrar na barca revirada e navegar com novo e amplo olhar, capaz de compaixão e benevolência, mesmo em relação a quem excluiu, traiu. A partir daí é possível, mesmo que não interpelados, enviar energias positivas e sentir-se, de algum modo, *solidários*.

Além da oração e do buscar recursos em energias positivas à disposição, é, sem dúvida, um grande apoio e conforto, o poder ter contato com uma pessoa amiga ou uma pessoa idosa e sábia que, tendo provavelmente experimentado e superado positivamente situações do mesmo gênero, saiba escutar respeitosamente compreender e, sem se deter em piedosas exortações ou plagiar, e mesmo compreendendo o esforço daquele que requer auxílio, diz com bondade e convicção: “*Vá em frente com dignidade*”. Em alguns casos não se deve excluir o recurso a pessoas competentes.

Ir para a frente com dignidade, superar positivamente uma exclusão injusta ou assim considerada, não é fácil, nem automático. Não acontece uma vez para sempre, mas requer tempo para a reelaboração. Sobretudo em circunstâncias que fazem lembrar o acontecido, rancor, desejo de vingança, de retaliação retornam tentando recolocar tudo em discussão e de zerar a serenidade reencontrada e o percurso realizado. Reforçar a resiliência com o recurso à oração e ao diálogo constitui uma das armas mais eficazes. Um auxílio concreto pode vir da capacidade de descobrir outras pertencas às quais fazer referência e pelas quais empenhar as próprias energias.

E, embora não tão consideradas, mas importantes nestas situações, são as habilidades sociais. Poder contar com aquele espírito que permite colher, com o lado doloroso das situações, também o lado solidário é um grande auxílio.

A reflexão sobre a exclusão e também sua experiência podem ou “poderiam” tornar hábeis as Instituições e as pessoas individualmente, para prevenirem tantos pequenos e grandes sofrimentos e habilitá-las na vivência do *Sistema Preventivo de Dom Bosco*. Pessoas e Instituições conscientes dos limites de cada atividade, poderiam se tornar atentas e coerentes nas programações e nos projetos de modo a fazerem experimentar a força da sinodalidade. “*O Excluído que salva*” está conosco para nos ajudar a viver do melhor modo possível as atuais e eventuais exclusões e a não sucumbir.

E, conosco, ajudar-nos a ser construtores daquela sinodalidade que, criando sentido de pertença, comunhão, alegria é *indispensável* para tornar fecunda a missão educativa evangelizadora salesiana difundindo harmonia e paz.

Plenitude de vida: sonho de todos e para todos

Runita Borja, FMA

runita@cgfma.org

É possível medir a felicidade? Aparentemente, sim. Em 2012 foi publicado o “*Word Happiness Report*” (Relação sobre a felicidade mundial), uma pesquisa anual do “*United Nations Sustainable Development solutions Network*”. A relação classifica as nações do mundo segundo o critério da felicidade e do bem-estar utilizando 14 áreas de avaliação: negócios e economia; cidadania; comunicação e tecnologia; questões sociais; instrução e família; bem-estar emocional; ambiente e energia; alimento e habitação; governo e política; lei; ordem e segurança; saúde; religião e ética; transportes; trabalho.

A Resolução 65/309, aprovada pelo UN General Assembly, com o título “*Happiness: Towards a Holistic Definition of Development*” (Felicidade: Rumo a uma definição holística do desenvolvimento) afirma que a busca da felicidade é um objetivo fundamental da pessoa humana. Reconhece que o indicador do produto interno bruto (PIB) não reflete adequadamente a felicidade e o bem-estar das pessoas. Reafirma que é necessária uma abordagem mais inclusiva, justa e equilibrada para o crescimento econômico que promova o desenvolvimento sustentável, a erradicação da pobreza e a felicidade e o bem-estar de todos os povos.

■ A felicidade diz respeito à pessoa toda e a todos

O olhar sobre a felicidade, medida a partir das 14 áreas, mostra que uma abordagem holística e integral é necessária. Uma realidade não pode ser separada do seu contexto e de sua história. Neste sentido pode-se dizer que a felicidade é o pleno gozo da vida. No Evangelho de João, Jesus afirma: “*Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância*”. (Jo. 10,10)

A vida abundante de que Jesus é portador, é a herança e o direito de todos. É uma vida que se vive aqui e agora, mas vai além. É um dom, e é também uma conquista, porque requer a colaboração de cada pessoa e de todas as pessoas.

Em várias culturas e religiões encontram-se narrações da criação do mundo e do homem. E por meio dessas narrações se intui o sentido que tal cultura ou religião dá à Criação, especialmente

à pessoa humana, isto é, o sentido e o escopo da vida. As narrações têm em comum para o homem o objetivo de vencer o mal com o Bem e de superar os obstáculos da vida para construir uma vida feliz. Sabemos, porém, que a vida feliz não é um ponto de chegada. Cada dia somos chamados a viver uma vida plena, com os que a vida quotidiana apresenta.

■ Vida plena para todos

A experiência da pandemia torna mais visível, que tudo está conectado. Somente unindo as forças, trabalhando junto, e caminhando além dos próprios interesses, poderá acontecer o fim desta pandemia. Antes, porém, da pandemia já se havia registrado um número crescente de desastres naturais, de imigrações forçadas pela seca ou pela violência, de aumento da pobreza

e de desocupação. A pandemia apenas tornou mais visível a desigualdade e a fragilidade do tecido social. O pontificado do Papa Francisco é caracterizado por gestos e iniciativas que alcançam pessoas e realidades para além da Igreja católica para tecer alianças em favor da vida, uma vida mais digna para todos.

Não é esta a verdadeira missão da Igreja? Como se lê na *Gaudium et Spes*: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos discípulos de Cristo, e nada existe de genuinamente humano que não encontre eco no coração deles”. (GS n. 1).

■ Cuidar

O “cuidar” é um tema frequente nas mensagens, nas homilias e nos textos do magistério do Papa Francisco. A sua homilia no início de



seu magistério petrino apresentava a figura de São José, como o guardião. Papa Francisco diz que a vocação de cuidar é de todos, porque é simplesmente humana. É o cuidar de toda a criação, cuidar de todos, especialmente dos mais frágeis. É uma homilia programática porque dá uma visão daquilo que seriam os focos de atenção do seu pontificado: “o cuidado da criação e da comunidade humana”.

O que significa dizer cuidar? Recolhendo algumas respostas espontâneas, eis outras palavras ligadas ao “cuidar”: administrar os bens, confiança, proteger, manifestar ternura, prevenir um perigo, dar valor, responsabilizar-se, dedicar tempo, amar.

■ Laudato Si: fonte de inspiração

A Encíclica *Laudato Si*, publicada em 2015, diz respeito ao “cuidado da casa comum, uma

atenção seguramente provocada por aquilo que está acontecendo no mundo. Apesar do primeiro capítulo dar um olhar ao que está acontecendo no mundo, a encíclica não é um tratado de ecologia. Não oferece soluções técnicas, pelo contrário, esclarece que confiar em soluções puramente técnicas seria uma grande falência.

Padre Giacomo Costa SJ e Paolo Foglizzo afirmam que a *Laudato Si* não é um texto a ser aprendido, porque não é a tratção completa e definitiva de um tema, é, ao invés, a fonte de inspiração e o quadro de orientação de um projeto que se esclarece à medida que é colocado em ação”.

De fato, a *Laudato Si*, lida e estudada nos vários ambientes, inspira projetos audazes e inovadores e novos estilos de vida pessoal e comunitário. Provoca um modo de ler a realidade e de buscar respostas concretas, de ampla visão e inclusivas.



■ Conversão ecológica integral

Explorando os ensinamentos da fé à luz da atual crise ecológica, a *Laudato Si* ensina que “tudo está interligado” (L.S. nº91). Papa Francisco dá um passo à frente na reflexão da Igreja sobre ecologia, reiterando que é uma realidade a ser considerada sob múltiplos aspectos entre si interligados. O Capítulo quarto é dedicado ao tema da ecologia integral com estes subtítulos: 1) ecologia ambiental, econômica e social; 2) ecologia cultural; 3) ecologia da vida cotidiana; 4) o princípio do bem comum; 5) a justiça entre as gerações. Os desertos exteriores do mundo se multiplicam porque os desertos interiores tornaram-se mais amplos (cf. LS nº217). Uma vez que a relação com o Criador foi transcurada, as relações humanas falharam e o mundo tornou-se hostil. Todos sofrem, mas sobretudo os mais pobres e vulneráveis. Estamos diante de uma crise complexa: socioambiental.

É preciso uma “conversão ecológica” pela qual os efeitos do encontro com Jesus Cristo se tornem evidentes na relação com o mundo. Viver a

vocação a sermos protetores da Criação é essencial para uma vida virtuosa. Não é um aspecto facultativo ou secundário da experiência cristã. Uma sadia relação com a Criação é uma dimensão da conversão pessoal integral, que comporta o reconhecimento dos próprios erros, pecados e falências e leva ao sincero arrependimento e ao desejo de mudança. A abundância não é a resposta, mas, a conversão do coração que o torna capaz de partilhar, de sentir-se responsável frente ao irmão, ao presente e ao futuro. *Kahlil Gibran*, no livro “O Profeta”, assim se expressa: “E um mercador disse: “Fala-nos do comprar e vender”. E ele, respondendo disse: “A vós a terra dá seus frutos e não ficareis sem eles somente se souberdes com eles encher suas mãos. É na troca dos dons da terra que encontrareis a abundância e ficareis satisfeitos. Mas se a permuta for sem amor e gentil justiça, levará somente à ambição e à fome”.

■ Esperança para todos

A abordagem holística reconhece os limites de todos os sistemas sócio econômicos e as raízes humanas da crise ecológica. Requer uma revolução espiritual e cultural. *Qual é a chave para manter viva a esperança?* É desenvolver atitudes para ativar um generoso cuidado, pleno de ternura. E, “em primeiro lugar implica gratidão e gratuidade”, isto é, um reconhecimento do mundo e da criação como dom recebido do amor do Pai, que provoca como consequência expressões de gratuidade como a renúncia e a generosidade. (LS nº 220). É reconhecer que “a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais, estreitamente interligadas: a relação com Deus, a relação com o próximo e a com a terra” (cf. LS nº 66). É admitir que “Deus criou o mundo inscrevendo nele uma ordem e um dinamismo que o ser humano não tem o direito de ignorar” (LS nº 220). “O objetivo final das outras criaturas não somos nós. Ao invés, todas avançam, juntamente conosco e por meio de nós, rumo a uma meta comum que é Deus, em uma plenitude transcendente onde Cristo Ressuscitado abraça a todos e a todos ilumina. O ser humano, de fato, dotado de inteligência e de amor, e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador” (LS n. 83).

Não te esqueças da hospitalidade

Gabriella Imperatore, FMA

gimperatore@cgfma.org

Olhar com olhos bem abertos a realidade do mundo que nos rodeia é essencial. A voz de Deus deverá sempre confrontar-se com a pergunta feita em nossas origens: “Onde está teu irmão”? (Gen. 4,9).

Interroguem-nos, então: “Onde está nosso irmão”?



Multidão de migrantes e refugiados habitam hoje, as periferias do mundo, nos cinco continentes. A palavra grega *peripherein* significa traçar uma linha ou desenhar uma circunferência. Parece simples, ao invés é uma decisão antropológica e política de grande relevância. Se se traça uma fronteira, se decide o que deve “estar dentro” e o que permanece “fora”. Se se define o território geográfico, a passagem das relações e da própria vida, frequentemente se age como se fosse legítimo excluir grandes partes da humanidade, tratando-as como descarte. A periferia condiciona a realidade e a vida. Também Jesus é um homem periférico; vem de Nazaré, uma localidade pouco conhecida da Palestina que, porém, mais tarde, se torna o lugar preferencial de anúncio do Reino. Suas palavras e seus gestos são manifestações da presença compassiva de Deus nas periferias “O Espírito do Senhor está sobre mim e me enviou para anunciar aos pobres uma alegre mensagem” (cf. Lc. 4, 18-19). Assim Jesus coloca na justa perspectiva a realização da salvação de Deus, isto é, dar dignidade de vida a todos aproximando-se das periferias morais, étnicas, de gênero, de cultura ou de classe. A mensagem de Jesus parte das periferias do mundo, daqueles lugares de vulnerabilidade e de exclusão, nos quais é possível levar hospitalidade e gerar transformações sociais. De fato, as periferias não são um problema, são um horizonte. Por isso a Igreja procura sair e descobrir um novo ardor missionário. O encontro com as periferias não é só um empenho de caridade, mas é um agir junto, é comunhão, participação, corresponsabilidade. É preciso a escuta, a mudança de mentalidade, a conversão do coração e do olhar para realizar o sonho missionário de chegar a todos; é preciso cuidar de todos, experimentar que somos todos irmãos, juntos na vida e na história, que é história da salvação.

■ A prática da Hospitalidade

Na viagem apostólica a Cipro e à Grécia, Papa Francisco exortou: “O pecado que temos em nós nos impulsiona a pensar assim: ‘Pobre gente, pobre gente!’

Com aquela ‘pobre gente’ cancelamos tudo. É a guerra deste momento, é o sofrimento dos irmãos e das irmãs que não podemos silenciar e olhar para outro lado, nesta cultura da indiferença”.

“Senhor, quando nós te vimos”? (Mt. 25, 37). Jesus se identifica com os últimos das periferias: “tive fome”, “eu era forasteiro”, “estava doente”; o seu é um amor encarnado e credível, tem a forma de vida real, tem uma face, uma história, tem nomes. O encontro com Cristo, constrangido a fugir, nas faces dos migrantes, machucados e refugiados é uma fonte permanente de esperança. Em tantos contextos de migrações descobrem-se gestos de imensa solidariedade e acolhida. A hospitalidade é um valor presente e atual. Promovem-se processos de acompanhamento *caminhando junto com os excluídos* e se é testemunho da mudança: ver os migrantes que, da vulnerabilidade e da precariedade, então em condições de sanar suas próprias feridas, tornando-se agentes de transformação rumo ao ‘empowerment’.

■ Tecelãs de novas esperanças

Na alfaiataria étnica **New Hope**, no coração de Caserta (Itália) mulheres de diversas origens trabalham juntas para serem independentes e viverem a própria vida livremente. A Cooperativa Social **New Hope**, nasceu a partir da necessidade de superar tantas formas assistenciais que se desenvolveram ao redor do fenômeno migratório e que não restituem plena dignidade a quem viveu na própria pele “o tráfico dos seres humanos”. No correr dos anos a **New Hope** tornou-se uma possibilidade concreta de resgate, o ‘sinal’ possível de uma economia solidária e de empenho constante na luta contra o tráfico. A abertura do ponto de vendas **New Hope Store**, contribuiu para tornar mais visível tal testemunho. “Graças a uma vendedora de bolsas, tivemos a força e a coragem de reinvestir o dinheiro adquirido oferecendo possibilidades às jovens mulheres de continuar a sonhar por meio de uma oficina de alfaiataria”, escreve a Presidente da Cooperativa. Hoje esta alfaiataria abriu as portas para todas as mulheres que querem retomar o controle da própria

A periferia é o DNA cristão, uma chave indispensável para a sua existência, o lugar onde encontrar e reencontrar Jesus”.

vida. O passado não conta mais, o que importa é aquilo que fazem aqui e agora. É um projeto de esperança que oferece formação profissional e educação à responsabilidade e à ética do trabalho. Cada produto narra a história de mulheres, sejam migrantes ou italianas, que creem na possibilidade de iniciar uma nova vida; uma história em cada produto; a dignidade do trabalho revelada na qualidade e beleza da produção. É um sinal no ambiente para crescer junto nos grandes valores da inclusão, do respeito, da dignidade das pessoas e do ambiente, da solidariedade. O foco está na pessoa, na multiplicidade das pertencas étnicas e religiosas. As mulheres migrantes têm a força de levar adiante um próprio sonho; coragem

Não há nada mais bonito, milagre maior do que ver florir aquelas faces migrantes, sorridentes e regeneradas porque simplesmente amadas”.

de ser protagonistas na própria vida, na vida da família; coragem de serem mães e esposas, mulheres independentes. Elas constituem um recurso positivo para toda a comunidade e têm a oportunidade de manifestar suas originalidades e criatividade, tornando-se responsáveis não só do próprio futuro, mas também do futuro da sociedade. A hospitalidade e a integração são respostas concretas à possibilidade de viver realmente junto, apostando em verdadeiras comunidades de hospitalidade no acolher com ternura a diversidade como riqueza, a partilhar projetos de solidariedade e de resgate social, a promover a participação, a caminhar junto, abraçando todos, não excluindo ninguém.

A escultura *Angels Unawares* foi inaugurada pelo Santo Padre em 2019, por ocasião da 105ª Jornada Mundial do Migrante e do Refugiado. “Desejei esta obra artística aqui na Praça São Pedro, para que lembre a todos o desafio evangélico da acolhida” (Papa Francisco). Desde então, a obra tem sido contemplada por turistas que todo ano visitam a Praça São Pedro. Agora foi acrescentada uma pequena placa com um código QR, que encaminha os visitantes ao site web ‘*Angels Unawares*’, disponível em seis línguas (espanhol, inglês, francês, português e alemão). As pessoas poderão conhecer a obra, a sua história e, ao mesmo tempo, poderão aprofundar, através dos ensinamentos de

Papa Francisco, a realidade dos migrantes e dos refugiados. Na escultura, em bronze e argila, realizada pelo artista canadense *Timothy P. Schmalz*, emerge a partir do centro uma multidão heterogênea de pessoas de várias culturas e diversos períodos históricos, lado a lado, apertadas, ombro a ombro, em pé em uma balsa, com as faces marcadas pelo drama da fuga, do perigo, do futuro incerto. No meio desta multidão, destacam-se ao centro as asas de um anjo, sugerindo a presença do sagrado em meio a eles. A escultura é inspirada no texto bíblico: “*Não esqueçais a hospitalidade porque, por meio dela, alguns, sem o saber, hospedavam anjos*” (Hb 13,2).



Entre memória e futuro

Aos cuidados da Redação

editor@rivistadma.org

A imagem da árvore remete às raízes e à semente; a árvore é o desenvolvimento de uma semente que alguém plantou no terreno. A árvore tem raízes, é voltada para o céu, para o horizonte, mesmo que bem enraizada no terreno e sua presença seja narração de um passado ela é abertura para o futuro. No ano 2022 celebra-se o 150º da Fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (1872 - 2022); é um ano de Graça, na dinâmica memória - futuro: remete a eventos fundantes e projeta inevitavelmente, “se é”, “como é” uma realidade viva, em direção ao amanhã.

Na volta de sua viagem apostólica, “uma peregrinação nas raízes” realizada em Budapeste e na Eslováquia, Papa Francisco relata: “As raízes são sempre vivas, plenas da língua vital que é o Espírito Santo, e como tais devem ser conservadas: não como peças de museus, não ideologizadas e instrumentalizadas por interesses de prestígio e de poder, para consolidar uma identidade fechada. Não. Isto seria traí-las e esterilizá-las! [...] Os pais Fundadores, não são personagens a serem comemorados, mas modelos a serem imitados, mestres dos quais sempre aprender o espírito e o método da evangelização como também do empenho civil. Assim compreendidas e vividas, as raízes são garantia de futuro: delas floresçam densos ramos de esperanças. Também nós temos raízes, cada um de nós tem as próprias raízes” (cdf. Papa Francisco, UDIENZA GENERALE. Roma, quarta feira, 22 de setembro de 2021). *E nós, conhecemos bem nossas raízes? Com Bosco e Madre Mazzarello, nossos Fundadores, as primeiras comunidades que implantaram o carisma em cada uma dos 97Países nos quais estamos presentes? “E preciso mergulhar em profundidade, atingir a língua e seguir em frente. Tudo aquilo que a árvore tem de florescência advém daquilo que está enterrado. A árvore cresce*

Mornese (Mazzarelli) - Oliveira plantada no ano jubilar de 2000 na terra dos cinco continentes.



na medida em que está unida à sua origem vital; é preciso cultivá-la tendo cuidado com o terreno no qual está plantada, dar-lhe nova forma e reforçá-la. No Capítulo Geral XXIV, Papa Francisco diz às Capitulares: “O carisma é vida que cria e segue em frente, não é uma peça de museu. A grande responsabilidade é colaborar com a criatividade do Espírito Santo, para revisitar o carisma e fazer de modo que ele manifeste a sua vitalidade no hoje. A memória ausculta com coração atento a realidade e a história contemporânea para perceber os novos chamados de Deus e fazer de modo que o carisma continue a florir e a se desenvolver no tempo. É assim que passado, presente e futuro se ligam segundo uma linha de continuidade.

■ Ousar é inédito

“A juventude de um Instituto está no mergulhar nas raízes; não há crescimento sem raízes e não há florescência sem novos rebentos. Jamais profecia sem memória e memória sem profecia” (Instituto FMA, Atos do CGXXIV Com Maria ser “presença que gera vida”. Roma, 12 de setembro-24 outubro de 2022, p. 22). “Na semente já está, em germe, a planta futura; assim, na memória está inscrita uma identidade original, seja

seja pessoal que comunitária, que se manifesta no tempo. A carta *Anunciai* - aos consagrados e às consagradas, testemunhas do Evangelho entre os membros da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (outubro de 2016) - enraíza a criatividade na missão, hoje imprescindível na descoberta da novidade do carisma de origem, “para reencontrar o clima da invenção, o carisma ‘em estado nascente’ (nº 62). Por quê, então, olhar para trás, se tudo corre? Deter-se no moco como as primeiras comunidades se puseram à escuta das exigências educativas pode encorajar o Instituto das FMA a ousar o inédito, aquilo que hoje pode parecer impossível, como nos tempos de Dom Bosco e Madre Mazzarello relativamente ao seu contexto. Ousar sem improvisos é decidir em coerência a uma identidade dinâmica, a um modo de ver, ler e interpretar a realidade e a educação. Em outras palavras, como os Fundadores desenvolveram uma ‘forma mentis’ original que os impulsionou a agir, assim a experiência deles é para o Instituto FMA apelo a um discernimento no hoje, adotando chaves de interpretação da realidade e da missão para compreender a atual sociedade e amadurecer decisões que façam

“Somos todos ementes. Sementes que se transformam em raízes subterrâneas, raízes que alimentam a memória e fazem germinar o futuro”. (Papa Francisco)

“O ficar, o permanecer implica uma saída de modo paradoxal justamente porque se permanece, justamente porque se é fiel, muda-se... A fidelidade é sempre uma mudança, um florir, um crescimento”. Papa Francisco

reconhecer onde quer que seja as Filhas de Maria Auxiliadora”. (Cf Grazia Loparco, Introduzione alla Giornata di studio “La memoria come seme di futuro”, CG XXIV Roma, 17 ottobre 2021).

■ Caminhando juntos

A missão das Filhas de Maria Auxiliadora, hoje, é desafiada pelas grandes transformações sócio culturais, que Papa Francisco descreveu como “mudança de época”, ainda mais acelerada pela emergência sanitária da Covid 19 e das interpelações educativas que se colocam às FMA, herdeiras do espírito e do estilo educativo de São João Bosco. Prevenir no inédito e na incerteza para caminhar com os jovens e as jovens, é uma tarefa muito empenhativa.

O futuro inédito é fruto de um caminho compartilhado entre várias pessoas, que na fidelidade criativa ao carisma e valorizando a riqueza do diálogo intergeracional e intercultural, intercongregacional e interreligioso, empenham-se em perseguir a missão comum de acompanhar as jovens gerações ao encontro de Jesus. “Também eu sou agora uma raiz ... Eu era uma flor, depois me tornei raiz”. Somos chamados a nos tornar raízes. Frequentemente procuramos os frutos, mas, Aquele que faz frutificar a sua Palavra na terra

com a mesma doçura da chuva que faz germinar o campo, nos recorda que nossos caminhos de fé são sementes: sementes que se transformam em raízes subterrâneas, raízes que alimentam a memória e fazem germinar o futuro. (Papa Francisco)

O poeta *Rainer Maria Rilke* escreve: “Deus espera de um outro lado, espera justamente no fundo de tudo. Em baixo. Onde estão as raízes”. Pode-se gerar vida nova somente se enraizados na escuta e na profundidade. Pode-se construir o futuro se formos raízes de paz e rebentos de unidade, caminhando juntos com aquele olhar de esperança que, segundo Eric Fromm, “não é revisão de futuro, mas é a visão do presente em estado de gestação”. (FROMM Erich, *La rivoluzione della speranza*, Milano, Universale Etas, 1978).

Educar junto

Congresso Internacional - Roma, 25-30 setembro de 2022: “Contribuição das Filhas de Maria Auxiliadora à educação (1872 - 2022): percursos, desafios e perspectivas”. Promovido pela Pontifícia Faculdade de Ciências da Educação “Auxilium” o congresso se insere no atual movimento para valorizar o Pacto Educativo Global lançado pelo Papa Francisco e para cooperar com um novo modelo de desenvolvimento através do aporte original das Filhas de Maria Auxiliadora à educação. A partir de dados históricos apresenta alguns aspectos da contribuição das FMA à educação. A partir de dados históricos apresenta alguns aspectos da contribuição das FMA à educação, estimula o confronto com os desafios presentes, relança a missão educativa das FMA em âmbito internacional. É dirigido às FMA das Inspetorias/ Visitadorias, representantes ISS - FMA, colaboradores (as), leigos (as) das Comunidades Educativas, membros da Família Salesiana, Educadores (as) religiosos (as) e leigos (as), cristãos e não cristãos, representantes de organismos ou instituições interessados na educação, estudiosos de ciências da educação. Infoi: convegnofma150@gmail.com

Seguir a estrela

Epifania de 1876! *Vamos escrevê-la em letras de ouro esta data que assinala o nascimento da segunda Família de Dom Bosco! Tudo se faz no silêncio [...] Somente mais tarde serão vistas suas formas externas, as modalidades necessárias para o seu estabelecer-se entre os homens de uma bela obra; mas as Filhas de Dom Bosco surgem hoje, e levam no coração do Pai, apenas convallescente, o sorriso de tantas esperanças que não desaparecerão.*” (Cronistória I, 271).

Na festa da Epifania de 1872, Dom Bosco em Varazze (Savona), confia a Dom Pestarino, guia do grupo das *Filhas da Imaculada* de Mornese (Alessandria) o desejo de dar origem ao Instituto das FMA, entregando-lhe o caderno das **primeiras Regras**. “Então se poderia dar início àquilo de que falamos neste verão, em Turim. E, se julga oportuno, indo a Mornese, reúna as Filhas e faça com que deem o voto para formar o Capítulo (Conselho diretivo ...) Diga-lhes que rezem, que se encorajem; tudo se faça para a maior glória de Deus e em honra da Virgem: eu rezarei por elas ao Senhor e à Virgem aqui do meu leito e para que abençoem o nosso Instituto” (Cronistória, I, 270) A partir daquele dia uma estrela de esperança brilhou na Igreja para as jovens e os jovens do mundo todo. Desde 1872 são mais de 33.000 as Filhas de Maria Auxiliadora presentes nos cinco continentes.



DNA cristão

Maria Baffundo, FMA
hmariab@gmail.com

O Concílio de Jerusalém, realizado no ano 50 d.C. marca o início de um novo caminho e de um modo diverso de olhar o modo de ser Igreja. Os Atos dos Apóstolos falam das diferenças de critérios quando se tratava de evangelizar os gentios. Para alguns, como Paulo, era suficiente aceitar o Evangelho de Jesus na própria vida; outros, ao invés, procuravam aprofundar os detalhes externos, próprios das normas hebraicas, para aceitar os novos convertidos. Com esta experiência comunitária, onde todos participavam e eram ouvidos, onde não faltavam as discussões, o cristianismo deixou de ser um espaço para a salvação dos hebreus e tornou-se universal, para todos. Não como espaço de uniformidade, mas de respeito às diferenças, como riqueza na busca do bem comum, e do crescimento da unidade da Igreja.

O apóstolo Pedro na carta a Antioquia escreve: “Decidimos, o Espírito Santo e nós, não impor nenhuma outra obrigação além destas coisas necessárias [...] Fareis o bem, portanto, se vos absterdes destas coisas”. (Atos, 15,28-29). É próprio da sinodalidade, a presença do Espírito Santo, caso contrário não é sinodalidade, é outra coisa.

“A Assembleia de Jerusalém oferece uma luz importante sobre a modalidade com a qual é preciso enfrentar as divergências e procurar a “verdade na caridade” (Ef.4,15). Recorda-nos que o método eclesial para a solução dos conflitos se baseia no diálogo feito de escuta atenta e paciente e sobre o discernimento realizado à luz do Espírito. É o Espírito, de fato, que ajuda a superar os fechamentos e as tensões e trabalha nos corações para que cheguem, na verdade e no bem, para que cheguem à unidade. (Papa Francisco - Audiência geral de 23 de outubro de 2019. Catequese sobre Atos dos Apóstolos).

Mas, em que consiste esta viagem através dos

tempos até o início da Igreja? É um modo de tomar consciência de que a sinodalidade era vivida já no seu nascer. Uma palavra que, hoje, somos convidados a descobrir e que corre nas nossas veias. O termo “sínodo” significa literalmente “um caminho feito junto”, isto é, a ação convergente de várias pessoas rumo ao mesmo fim. É mais do que “caminhar junto” porque a referência ao caminho faz alusão a um processo na direção de uma meta. Indica que duas ou mais pessoas

“O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (Papa Francisco).

se propuseram um mesmo objetivo e estão dando os passos necessários para alcançá-lo. E desde aqueles primeiros esforços para a vivência da sinodalidade, com o passar dos anos, se chega ao Concílio Vaticano II com o apelo a viver a comunhão e a colegialidade e, mesmo que o termo ‘sinodalidade’ não se encontre explicitamente no ensinamento do Concílio Vaticano II, pode-se afirmar que a instância e a essência da sinodalidade é o centro da obra de renovação promovida por esse Concílio. O trabalho de renovação continua na Igreja, por meio da figura do Papa Francisco que, de maneiras diversas, procura manifestar a face verdadeira da sinodalidade: a fraternidade, a comunidade e uma nova experiência de humanidade. É justamente



este esforço de envolvimento, participação e cooperação que todos são solicitados a empreender: autoridades eclesiais, sacerdotes, religiosos, leigos, comunidades educativas; a meta é a sinodalidade, que em concreto se manifesta com diferentes nomes: trabalho de grupo, comunhão, disponibilidade, profecia de conjunto. Convocação, sair, busca conjunta, bem comum, responsabilidade partilhada. O que une e dá sentido é a Palavra de Deus com o objetivo comum de humanizar-se para humanizar. E para isso, é preciso colocar-se a caminho com os

Juntos em um **caminho** proposto pelo próprio Jesus com quem nos identificamos. Como **peregrinos e viandantes** todo cristão que aceita este chamado na sua vida (chamados pelo Batismo a esta missão). A **meta** a ser alcançada: tornar o coração de cada pessoa mais humano, em harmonia com o coração do Pai.

outros, junto a outros em modo de *sinodalidade missionária*. A Igreja está caminhando rumo ao Sínodo 2023. Papa Francisco realça o Sínodo como uma grande oportunidade “para uma conversão pastoral em chave missionária e ecumênica. [...] Estou certo de que o Espírito nos guiará e nos dará a graça de seguir em frente juntos, de nos ouvir, uns aos outros e de iniciar um discernimento do nosso tempo, em solidariedade com as lutas e os desejos de humanidade”. Também a Vida Consagrada, nas suas luzes e sombras, continua deixando-se interrogar e transformar. *Irmã Liliana Franco Echeverri* odn, Presidente da Confederação Latino-americana dos Religiosos - CLAR, no número de outubro da Revista Vida Religiosa - escreve: “A Igreja e a sociedade de hoje nos pedem que nos exercitemos na profecia da

comunidade. Que caminhemos com a consciência de sermos povo de Deus e com a audácia de nos colocarmos humildemente, desmascarando os emaranhados de poder que desumanizam. Trata-se de retornar à originalidade do Evangelho e de escolher o amor que dá dignidade. Empenhar-se na utopia da fraternidade e o testemunho mais autêntico que podemos dar à humanidade, hoje”. Como Filhas de Maria Auxiliadora, neste tempo de agradecimento pelos 150 anos de fundação do Instituto FM, o convite que se estende a Irmãs, Leigos, Colaboradores, Estudantes, Famílias, nasce do Capítulo Geral XXIV: *Como Comunidades Educativas, abertas ao diálogo, somos convidadas a uma nova enculturação do Evangelho, no estilo do Sistema Preventivo. Comunidades que anunciam Jesus com a própria vida, que*

assumem os desafios da mudança e testemunham os valores evangélicos, que assumem as várias formas de pobreza presentes nas periferias existenciais e geográficas”. Estes meses do 2022 constituem um bom exercício para projetar-se e reorientar as próprias projeções, no conhecer como vai indo o empenho dos caminhantes e para ter coragem de continuar junto; a partir das fragilidades e das conquistas pessoais, sem altos e baixos, com a única autoridade de ser um a mais nas vias da Vontade do Pai, que é a busca do melhor do coração humano. “Caminhar junto” ensina Papa Francisco - “é a via construtiva da Igreja: a cifra que nos permite interpretar a realidade com os olhos e o coração de Deus” (La sinodalità nella vita e nella missione della Chiesa, 2018).

Extrair o bem

Veronica Petrocchi

veronica.petrocchi91@gmail.com

Histórias de jovens que, para a mentalidade comum, são delinquentes, mas para São João Bosco, o padre dos jovens, são, ao invés, jovens a serem amados, acolhidos e apoiados na busca da própria identidade e humanidade. Muitas são as histórias difíceis e dramáticas, e numerosos os testemunhos dos mesmos jovens, que nos envolvem e interrogam, com sua carga de provocações e de dor, ao abrirmos os horizontes da nossa sociedade e da nossa vida, à extraordinária aventura do educar que pertence a cada um, e à responsabilidade no entregar às novas gerações a laboriosa e apaixonante profissão de viver.

“Há uma distância abissal entre o mundo dos adultos e os jovens. E, muitas vezes, justamente neste vazio tem origem a raiva manifestada com violência. Para evitar que isso aconteça, é necessário que os adultos aprendam a falar com os jovens, não a partir de cima da sua autoridade, mas confrontando-se com eles, interessando-se pelas suas necessidades e, sobretudo, por suas fragilidades” no falar, sentido, mas não espantado pela difusão da agressividade entre os muito jovens, frequentemente reunidos em *baby gang*... Assim é Eugenio. Conheci Eugenio há uns sete anos, através de Dom Michele, um missionário e caro amigo da família. Dom Michele, sempre empenhado em projetos na Costa do Marfim, encontrou também na Itália, tantíssimos jovens em busca de uma bússola, alguém que pudesse indicar-lhes a estrada. Dom Michele é uma daquelas pessoas que mergulham na profundidade do outro. Ele tem um dom incrível em perceber a dor dos mais frágeis e transformá-la em oportunidades. E é exatamente isso que fez com Eugênio. Quando perguntei a Eugênio a respeito das



violências acontecidas na passagem do ano na Praça do Duomo (em Milão, na Itália), não em qualidade de expert, mas guiado pela experiência vivida pessoalmente, ele me confiou: “lamentavelmente esses fatos acontecem há muitos anos, eu mesmo os provoquei muito tempo atrás, mas agora são aumentados pela comunicação e pelas redes sociais, termômetro do transtorno juvenil que espero sirva de maior estímulo para que a sociedade se interroge a respeito das motivações desse desvio”. Um desvio do qual Eugênio conseguiu salvar-se graças a pessoas justas, encontradas ao longo do caminho, repleto de caídas e recaídas, que dos bairros populares o levaram, também ao cárcere de menores e depois, a diversas comunidades. “No meu bairro, o valor de uma pessoa era medido com os delitos, a capacidade de ir para o cárcere, a ostentação de roupas de nome, mulheres e motores. O respeito era conquistado pelo que mais cometesse prevaricações, pelo mais incriminado. Eu sonhava me tornar o mais respeitado”, relata serenamente. Não poderei jamais esquecer aquela vez em que me confiou que as origens do seu desvio são reconduzíveis a um gol que faltou em um campo de futebol, quando contava somente 9 anos, e que rompeu o seu sonho de se tornar



um campeão, mas, especialmente, fez desabar as expectativas de sua família e de seus amigos. “Eu torcia pelo time do meu coração - explica - e fazer parte dele era o meu sonho, mas para mim, que naquela época era somente um menino, jogar bola era, sobretudo, uma ocasião de divertimento em plena liberdade. A pressão que eu sentia em meus ombros, porém, me bloqueou, tornando-me um vencido cheio de raiva. É como se me sentisse constrangido a encontrar um outro modo para conquistar respeito e admiração. E, lamentavelmente, conhecendo só a direção errada, comecei a me divertir, incutindo medo nos outros e estabelecendo relações baseadas na opressão!”

Assim, entre os bancos da escola, Eugênio se tornou o valentão que espantava ou batia nos seus coetâneos “por bem”, para depois passar para os furtos de lambreta aos roubos para se apropriar de celulares e carteiras até chegar a roubar um banco, aos apenas 17 anos.

“Aquelas ações me faziam sentir-me orgulhoso e poderoso; eu queria sempre mais, ultrapassando todo limite e descobrindo no dinheiro o instrumento principal para ter popularidade”. Prossegue descrevendo o cárcere como “il check point do qual tinha necessidade para evitar danos ainda mais irreparáveis

e encaminhar um percurso de introspecção”. Entre cárcere e comunidade, teve a sorte de encontrar o conforto de um olhar sem preconceitos em educadores, psicólogas e professores que encontraram nele aquele “ponto acessível ao bem” e lhe ofereceram o suporte para construir aquilo que lhe fora negado até aquele momento: um espaço de escuta no qual pudesse abrir-se sem temer de ser julgado. “As mulheres tiveram grande importância no meu percurso - quis esclarecer - ajudaram-me a descobrir o meu lado emotivo que até aquele momento eu pensava que fosse fragilidade.”

Dom Michele foi quem lhe ensinou o valor da solidariedade e da verdadeira liberdade. Os dois se conheceram durante uma visita pastoral ao cárcere de menores no qual Eugênio se encontrava; desde o primeiro encontro, creio que Dom Michele tenha imaginado para aquele juvenzinho rebelde, mas



bom, um futuro diferente daquele destino que parecia já escrito, transmitindo-lhe um sentido de paz e uma incontida energia com sua atitude livre de juízos, autêntico e sempre compreensivo. Na Comunidade de Dom Michele, apesar de dolorosas fugas e recaídas que não faltavam, Eugênio começou a viver o seu “momento favorável”, um período rico de ensinamentos e aprendizagens, não mais a soma de horas, dias, meses e anos a serem passados sem sentido, mas, de fato focando uma meta que o tornou um homem livre e responsável. Os erros tornaram-se ocasião de reflexão e crescimento. A violência deu lugar à responsabilidade. O tempo foi recuperado dedicando-se à leitura de livros nos quais procurava pedaços de si mesmo, tanto que, em fevereiro de 2020 conseguiu laurear-se em Ciências da Educação em uma universidade de Roma.

“O lugar no qual aconteceu o meu renascimento tornou-se o meu espaço de trabalho: por três anos fui educador na comunidade de Dom Michele, depois chegou o momento de desancorar-me dos fantasmas do passado enraizados entre aqueles muros; assim iniciei uma nova aventura no campo do trabalho, sempre no âmbito do serviço social junto à Prefeitura, confiando-me o sonho de abrir um centro para orientar jovens em dificuldade e famílias, onde frequentemente surgem os desvios. Estes são os novos horizontes de Eugênio, de tantíssimos outros jovens que, diante do espelho, finalmente se veem maduros, livres, satisfeitos, sem precisar mais usar máscaras.

Agora, Eugênio se encontra “do outro lado”, olha com serenidade o seu passado, olha para aquele adolescente que pensava ser condenado ao desvio e que agora, ao invés, ama viajar, estudar, narrar-se; ama a justiça e a liberdade. Agora ama.

A leitura - como muitas vezes conta aos outros jovens cujo percurso acompanha - salvou-me a vida. “Fez-me mudar o olhar de autores de crimes para o filósofo Galimberti - conclui Eugênio - e espero que esta minha experiência de “renascimento” e de “catarse”, possa mostrar que os erros não devem representar uma sentença, mas uma lição para que aprendamos juntos a linguagem do bem”.

Cyberativismo, uma modalidade de participação dos cidadãos

■ **M^a Paloma Redondo Pérez de la Ossa, FMA**
comunicacion@salesianas.org

No caminho da Igreja - convocada no Sínodo a partir do título “*Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão*” - também o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora deseja, como fruto do Capítulo Geral XXIV, assumir a sinodalidade missionária como estilo de vida. Isto implica nossos modos de participação, de escuta e comunhão, de presença pró ativa, especialmente nos ambientes digitais. Naqueles lugares onde palavras como *like, add, share, comment, publish, link* ... se tornam modos criativos de interagir, de tecer redes de relações, de enriquecer espaços de participação e de gerar mudanças na vida da sociedade. Como Instituto das FMA, somos interpeladas a ser uma presença pró ativa nos ambientes digitais, onde os adolescentes e os jovens estão presentes, onde estão aprendendo novas formas de participação e de empenho.



■ Um apelo à participação

A palavra participação, no contexto educativo, indica aquelas situações nas quais as crianças, os adolescentes e jovens podem expressar seus pontos de vista de modo positivo, construtivo. Portanto, promover processos participativos significa envolvê-los ativamente nas decisões que dizem respeito à família, à escola, ao centro juvenil, ao bairro ... tornando-os conscientes de que é possível impactar a realidade. Na tradição salesiana, formar

"honestos cidadãos" se traduz, como explicou o Reitor Mor na Estreia 2020, em educar os jovens com um critério de participação orientado para o bem comum, razão de ser e finalidade da vida política. O Documento preparatório do Sínodo 2021 - 2023 afirma que esta capacidade de imaginar um futuro diverso depende, em grande parte, da decisão de iniciar a atuar processos de escuta, diálogo e discernimento comunitário, no qual cada um pode participar e contribuir. Uma escuta disponível e atenta é, pois, o primeiro passo para uma verdadeira participação.

Ativar processos participativos não é uma simples metodologia, mas um instrumento de *empowerment*, um modo de tornar os adolescentes e os jovens conscientes da possibilidade e, sobretudo, da necessidade de serem protagonistas das próprias decisões, de transformá-los em atores sociais e não simples espectadores de uma realidade que frequentemente não lhes agrada ou não lhes inspira esperança de futuro. Não é, pois, uma técnica de pesquisa do consenso, mas um modo de educar à cidadania ativa.



■ Mobilizações cidadãos, da poltrona à estrada

Vivemos em um processo de mudança muito complexo em cujo centro está a tecnologia que se está tornando fundamental na atividade cotidiana. Uma transformação digital que não é só uma questão técnica, mas muito mais: é um processo transversal que diz respeito a muitos aspectos da realidade. Hoje, antes dos discursos ou das manifestações nas praças, há vídeos, *hashtag*, *e-mail* e *podcast* para criar uma comunidade unida em torno de uma ideia e, para fazer pressão sobre políticos ou sobre empresas para que adotem ou não adotem um procedimento, incluam questões na agenda pública. Neste cenário, é necessário refletir sobre a função que as *redes sociais* desenvolvem na mobilização dos cidadãos, para uma maior participação social e solidária dos nossos jovens, e interrogar-se se esta mobilização *on line* se traduz em um empenho de vida real, ou se a participação dos cidadãos é aumentada através das mídias.

Que têm os 'social Network' que os outros meios de comunicação não têm tido para alcançarem tal impacto? Segundo a Revista Comunicar (www.revistacomunicar.com), uma revista científica sobre educação e comunicação, a resposta está em duas características: *imediatez e interatividade*.

Diferentemente das mídias tradicionais, os ouvintes não têm mais uma única função de receptores, mas, também, como na comunicação interpessoal, assumem alternativamente a função de receptores remetentes. Os espaços digitais, derrubando as

barreiras físicas, tornaram-se pontos de encontro virtual para pessoas de todos os níveis sociais e sem limites geográficos, permitindo, assim, a democratização do diálogo. Os jovens têm à sua disposição, através das redes sociais, uma multidão de possibilidades para participarem ativamente da mudança social, têm modos muito diversos de informação, de partilha, de adesão pública a novas causas. Há um grande potencial ainda a ser explorado para promover a cidadania ativa, para incidir sobre a realidade onde cada indivíduo pode aumentar a própria visibilidade e ter um impacto global. É aqui que o *cyberativismo*, expresso em diversos graus de empenho ou mobilização, pode ser enquadrado.

Vemos como milhares de ouvintes se unem a iniciativas de solidariedade guiadas por atletas de elite, cantores e celebridades, mostrando sua empatia por uma grande variedade de causas. Entre esses milhares de ouvintes, não faltam aqueles que vão além do apoio moral e "se levantam do próprio divã", param de "olhar do balcão" da vida e calçam as sandálias para levar, no mundo *off-line*, a defesa de seus valores. O movimento #Me Too nos Estados Unidos, iniciativa Fridays For Future, guiado pela jovem Greta Thunberg, a revolta dos 'gilet gialli' na França, os apelos à ação de ONGs tradicionais como Amnesty International com a campanha #FreeSaudiWomen, os protestos sociais por meio de Tik Tok em Colômbia com o *hashtag* #NosEstanMatando, organizações como Africtivistes que mostram sua determinação para combater as ameaças e as coerções contra



jornalistas, *blogger* e ativistas africanos... O impacto das mídias digitais em mobilizações é evidente, a ponto de alguns governos, nos momentos cruciais não hesitarem em cortar as conexões da *Internet* para impedir a difusão dos protestos populares... Uma corrente de *cyberativismo* está atravessando os cinco continentes. É claro que *Internet* oferece aos jovens modos simples e pouco custosos para organizar, tornar públicas reuniões, difundir informações e opiniões, organizar boicotes e protestos de modo rápido e eficaz. Modos criativos para participar e empenhar-se em negócios públicos que unem política e cultura, o espírito cívico e a tecnologia que fazem parte da cultura do ativismo.

■ Educar ao empenho social on-line e off-line

O ambiente digital é, sem dúvida um instrumento por meio do qual os adolescentes e os jovens podem exercitar seus direitos fundamentais, reconhecidos pela ONU (direito de participação, de liberdade de expressão, de acesso à informação, à liberdade de associação), mas não basta ser potencialmente capaz de fazer algo se não existem as condições para fazê-lo. O contexto pandêmico levou à proliferação do uso destes meios de comunicação em idade muito precoce, e é um dever dos Educadores promover a formação neste campo, educar ao senso crítico para que adolescentes e jovens saibam gerir corretamente as informações a que têm acesso,

saibam julgar corretamente a realidade que os circunda e confrontá-la com os valores de que são portadores, para que possam agir coerentemente e lutar por causas que têm valor e se agreguem ao bem comum. A participação contribui ao desenvolvimento pessoal, leva à tomada de decisões mais esclarecidas e conscientes, protege os menores, contribui na preparação do desenvolvimento da sociedade civil, favorece o respeito às pessoas e fortalece a responsabilidade.

Uma responsabilidade que gradualmente lhes permite conhecer o digital em toda sua ambiguidade, como instrumento de controle, de manipulação e exclusão, mas também de liberdade e de inclusão. Os ambientes educativos devem preparar jovens para o empenho social, qualquer que seja o meio para fazê-lo (*online* - *off-line*), na convicção que "o futuro da humanidade não está só nas mãos dos políticos, dos grandes e das empresas". (Papa Francisco). Sim, a responsabilidade deles é grande. Mas o futuro está, especialmente, nas mãos de pessoas que reconhecem o outro como um "tu" e si mesmos como parte de um "nós".

Neste empenho das Filhas de Maria Auxiliadora em favor da sinodalidade oferecemos às crianças e aos jovens de nossas casas, os recursos necessários para fazerem do ambiente digital um instrumento válido e eficaz para expressão da cidadania ativa, solidária e corresponsável na construção do Reino de Deus.



Diálogo e encontro

Paolo Ondarza

paolo.ondarza@gmail.com

O lugar de encontro e de diálogo para caminhar junto na estrada da beleza, para gerar continuamente a fé. “Academy for Christian Art” é um *ágora online* que se propõe fazer saborear a poliedricidade, a diversidade e a densidade da arte cristã através de um rico programa de cursos e de focos, para valorizar diferentes pontos de vista das principais confissões cristãs.

Seus fundadores são os teólogos e historiadores de arte François Boerspflug e Emanuela Fogliadini.

O desafio de redescobrir o poder comunicativo da iconografia cristã é muito atual em uma época dominada pelas imagens na *social network*. “Somos profundamente convictos - explica Emanuela Fogliadini - que a arte cristã de todos os tempos tenha excelentes potencialidades: em primeiro lugar transmitir a revolucionária mensagem cristã. Os muitos afrescos, mosaicos, pinturas, miniaturas, estátuas são também espelho das respectivas épocas, atitudes, reflexões teológicas, sensibilidades culturais e geográficas. Diferentemente das imagens na ‘social’ que olhando distraidamente e rapidamente, a arte cristã

pede que nos detenhamos,
pede que a conheçamos
profundamente para
intuirmos seus
mistérios e

podermos admirá-la plenamente. É a diferença entre um “fast food” e um restaurante que prepara na hora as suas especialidades; diferença entre uma saudação rápida no caixa de um supermercado e um bate papo profundo entre amigos; entre o ver e o olhar. Os resultados de um olhar atento, prolongado, curioso e vivaz à iconografia cristã reservam surpresas intelectuais muito estimulantes e um estupor espiritual realmente profundo. São os objetivos que perseguimos nos nossos encontros”.

■ A arte sacra está ainda em condição de desvelar a Palavra e a fé às gerações do Instagram e Tic Toc?

A arte sacra antiga é caracterizada por uma variedade, legibilidade e beleza, capazes de desvelar a excepcionalidade do mistério cristão a toda geração, ainda mais aos jovens atraídos por ‘social’ que lhes permite comunicabilidade e rapidez. Diferentemente de algumas formas de arte religiosa redundante que o cristianismo do seiscentos e setecentos produziram ou aquela entre as duas Grandes Guerras, caracterizadas por um acento dramático de sofrimento, ou, ainda, a arte

religiosa contemporânea, que frequentemente foge da sua tarefa principal de levar à reflexão sobre a mensagem que deveria veicular, a arte produzida nos primeiros séculos da história cristã até ao Medievo tem sido uma expressão multiforme e criativa das comunidades cristãs, dinâmica, clara. É extraordinário deter-se nas representações de cúpulas e absides onde aparecem os temas mais relevantes do cristianismo - como a representação do Batismo de Cristo com João Batista na cúpula do Batistério dos arianos (V século) - que se encontra em Ravena (Itália) - e descobrir a diferença que existe entre os sujeitos representados, na mesma cidade ou na mesma época histórica: diferença que é uma riqueza fecunda que desperta curiosidade em todos, Jovens ou não”.

■ Por que propões um relançamento do figurativo no abstrato em ambiente sacro?

Uma parte do catolicismo e do protestantismo não têm mais bem clara a diferença entre arte sacra e arte religiosa, as consideram sinônimos e isto leva à incompreensão entre os fiéis que frequentemente se encontram perdidos diante de uma arte que percebem como estranha, que não os ajuda a rezar, e não contribui para unir a assembleia litúrgica. Temos consciência de que hoje, para um artista não seja fácil expressar para o homem do seu tempo a mensagem cristã, mas a estrada da arte, isto é, aquele que entra na Igreja e é chamado a nutrir os fiéis, não deve ser a abstração que não exprime o próprio do cristianismo e que se poderia aplicar a outras formas de espiritualidade.

Mais tênue e livre é a arte de conteúdo religioso que pode se permitir “elaborações” para procurar novas formas expressivas. Ambas, porém, deveriam recordar que vivemos em um mundo profundamente descristianizado, não só em nível de prática: a maior parte das pessoas, mesmo de

OL Batismo de Cristo, do “Ciclo da vida”. (2016-2017)



um nível alto de cultura, não possui as chaves de leitura de imagens, em que narramos momentos fundamentais da história bíblica e cristã. A arte figurativa, acompanhada por leituras, explicações, pode veicular mais diretamente a mensagem cristã e sua história habitada por múltiplas figuras e por tantíssimos santos. Um exemplo de continuidade entre passado e presente são hoje jovens artistas como o sérvio Nicola Saric que, com originalidade e criatividade, busca inspiração nas correntes cristãs do Oriente.

■ O belo é hoje pouco valorizado, por vezes permanece oculto. Como desvelá-lo para que possa exercer a sua força salvífica?

Para nós, iluminar o olhar de muitos que, pela primeira vez, encontram algumas imagens e acompanhar o estupor de tantos que, inseridos em uma tradição que têm visto desde há muito, redescobrem com olhos mais atentos e cultos uma arte que se revela mais rica do que pensavam, é uma emoção comovente.

Este é também um desafio crucial: isto é, encorajar sacerdotes, religiosas, fiéis, professores de religião, catequistas, leigos e jovens a gastar tempo para contemplar, descobrir obras de arte inéditas. Hoje, tantos deixam de lado o belo sem perceber que a beleza deve ser admirada, estudada, frequentada e preservada. Nós nos colocamos, sem dúvida, contracorrente: a arte cristã tem um potencial

A figura de Cristo ao mesmo tempo divina e terrena, em fundo dourado, veículo para ser inundado simbolicamente pela luz ultraterrena, desmaterializando o ambiente físico.

salvífico; no mundo cristão oriental, é até, um dos lugares por excelência do encontro com o mundo divino. Mas um encontro autêntico deve ser preparado com cuidado, nos concentramos nele quando o experimentamos, guardamo-lo no coração, desejamos que se renove.

A Beleza cristã encanta com seu anúncio misterioso e misericordioso nas múltiplas expressões artísticas da história, desde a crucifixão do Mosteiro da *Mãe de Deus* da Studenica in Serbia (século XIII) às ilustrações do fim de Oitocentos de *James Tissot*, constituem tesouros que merecem ser desvelados com graça e perseverança.

■ ‘Academy’ tem uma pauta internacional. Como se desenvolvem os cursos?

Nossos cursos são realmente encontros com a arte: gastamos tempo observando com atenção e estupor as imagens, os detalhes, o conjunto, relacionando-os com a teologia e a liturgia: cada curso prevê quatro encontros de duas horas sobre um tema apresentado de modo trans-periódico ou sobre uma Igreja ou um conjunto de mosteiros de um determinado período histórico e geográfico. Além disso há também os ‘focos’, isto é, encontros particulares de duas horas sobre temas tratados por especialistas que nos permitem alargar o leque das descobertas artísticas. Dirigimo-nos a todos aqueles que são apaixonados, curiosos, especialistas ou neófitos na matéria: com cada um vivemos uma viagem, permitindo-lhes entrar nos mundos que apresentamos, conhecendo-os melhor, para



saborear seus significados ocultos e apaixonar-se na continuação da pesquisa.

Cada encontro acontece na modalidade *online*, através de uma plataforma especial, que favorece a concentração e permite apreciar os particulares da iconografia cristã, comunicar-se reciprocamente, criar uma comunidade real de intentos e conhecimentos, embora fisicamente não se esteja no mesmo ambiente.

A modalidade *online* foi escolhida há três anos, quando iniciamos a elaboração concreta do projeto pois os membros potenciais estavam na Itália e na França e hoje temos pessoas que nos ouvem em diversas cidades dos dois países, mas também da Sérvia, da Síria, da Grécia, da Rússia.

■ Embora permaneçam distâncias na concepção iconográfica entre as várias confissões, a Beleza pode unir os cristãos?

O cristianismo é constituído, desde seu início, por diversas correntes que podem enriquecer-se reciprocamente; atualmente são três as principais confissões cristãs e, cada uma, produziu e continua a realizar uma arte voltada a veicular a mensagem da salvação. Por suas respectivas competências e paixões dos fundadores de ‘Academy’, pareceu-nos natural tornar conhecidas e apreciadas as múltiplas e extraordinárias obras de arte do Oriente (o mundo bizantino e as várias Ortodoxias, mas também o universo armênio, copto, siríaco) e do Ocidente cristão (a arte católica, a protestante e a calvinista). No curso dos séculos, o fio *vermelho* que une as várias confissões cristãs é a celebração da Beleza.

As diferenças de concepção, de declinação em imagens de mensagem teológica, de autonomia ou fidelidade a cânones, de liame mais ou menos estreito com a liturgia, nós os consideramos riquezas excepcionais: conhecer as respectivas artes, apreciar o esforço de cada confissão nas várias épocas e áreas geográficas, as diversas expressões de fé por imagens, é um empenho que cada um deveria assumir e um projeto portador de frutos em favor do diálogo ecumênico e inter-religioso.

A Beleza da arte “sacra” se expressa na harmonia das figuras, formas e coloridos; somente assim imergimos na paz e na alegria de fé.

A confiança: gestos e fatos concretos

Mariano Diotto, SDB

m.diotto@iusve.it

Vivemos anos particularmente laboriosos devido à pandemia que atingiu e colocou em discussão muitos dos valores humanos, sociais e religiosos. Um deles é o da confiança. Há diversos decênios as Instituições que davam segurança a estes valores, estão perdendo relevância: o Estado, a Família, a Igreja, a Escola, a Educação. Os jovens, que por natureza vivem experiências de aspirações e são projetados rumo ao futuro, sentem como ponto de referência pessoal a confiança: imaginam um mundo melhor, desejam construir a felicidade e a função social, cultural religiosa e familiar em harmonia com o próprio projeto de vida. A música, desde sempre, narrou esta busca do mundo juvenil, seja como aspiração, seja como desilusão diante dos fatos que acontecem.

■ A partir da vitória ...

Uma canção que se pode definir um hino à confiança é “*We are the champions*” dos **Queen**. *Quem nunca a ouviu ou cantou?* O texto exalta o otimismo, infunde confiança, permite compreender que todos têm possibilidade de conseguir algo. “*Paguei aquilo que devia/ pouco a pouco/ cumpri a minha sentença/. Mas não cometi crime algum/e erros graves eu os fiz poucos/. Preciso seguir em frente, em frente, em frente/. Nós somos os campeões - meu amigo/ e continuaremos a lutar até o fim/. Nós somos os campeões/ Não há tempo para os vencidos/ porque nós somos os campeões do mundo*”. A majestosa construção musical nos dá a impressão que mesmo os empreendimentos mais difíceis se tornam realizáveis. Esta canção está gravada na memória e na história de todos porque representa o hino da vitória que todos deverão cantar nos momentos mais obscuros, naqueles momentos da vida em que a confiança parece faltar.

■ ... através do desespero

A perda de confiança representa a falta de consideração e estima em relação ao sistema. De fato, a confiança não depende da promessa de perfeição: pelo contrário, garantir 100% de segurança do resultado é contraproducente. Não se chamaria mais confiança, mas certeza. Portanto é possível passar também no desespero antes de ressurgir. É o que nos relata **Stromae** no texto do título



L'enfer (o inferno). O autor-cantor belga tem grande capacidade de falar de temas justos no momento justo. De fato, conquistou público exatamente por aquele seu estilo musical único que lhe permite tocar assuntos espinhosos emparelhando-os a melodias que acalmam, que soam como rimas infantis em francês. “Não sou só eu a me sentir sozinho/E é já alguma coisa/ E se todas as pessoas como eu/ seríamos tantos/ Tudo aquilo em que pensei/. É loucura tantas pessoas terem pensado a mesma coisa/ mas, também isso não me ajuda a me sentir menos sozinho/ Na realidade/ Pensei em suicídio várias vezes/ E não me glorio por



isso/ Por vezes senti que seria o único modo para fazê-los calar/ Todos esses pensamentos me fazem passar pelo inferno”. Para ter confiança é preciso reconstruir o próprio ser e a própria alma. Passo a passo, talvez refloreando novamente desde o mais profundo.

■ ... à confiança

A confiança é fundamental para cada ação, relação, transação. A atual mudança da confiança não é só uma história de extraordinários processos tecnológicos ou da ascensão de novos modelos de ‘business’; pode-se considerá-la uma revolução social e cultural. Este novo conceito de confiança diz respeito a cada pessoa e instituição: usuários, artífices, consumidores, clientes ou ‘manager’ e produtores. A confiança é algo que se constrói ou se destrói: este é o aspecto interessante, também porque não é um mecanismo previsível, dotado de um manual de instruções que permite funcionar sempre do mesmo modo.

A confiança varia de uma situação a outra, de uma relação a outra. Sua natureza é altamente contextual. E é isso que nos contam **Marco Mengoni** e **Madame** no texto ‘*Confiarei*’. A confiança, no texto da canção, é narrada como algo concreto, algo vivo e vivido no dia a dia e não somente como o fruto de palavra e promessas. “Diferença sutil/ Entre o fazer e o dizer/ Sei que há no meio um mar/ E aí podes morrer/Tracei um limite São somente linhas/E caminhei por mil estradas/ Para não me deixar descobrir/ Neste pequeno espaço/ Em uma praça tão grande/ Minha vida me surpreende/ E me enche de perguntas/ E tu não tens respostas/ Confiarei na tua coragem mais que na minha/ Quando por medo eu o escondi até de Deus/ Confiarei, mas não será sem reservas/ Ter medo de amar ou amar sem nada temer/ Confiarei/ Sem nada temer”. A confiança aumenta o bem-estar pessoal porque melhora qualitativamente as próprias relações interpessoais. De fato, se pode dizer que as pessoas felizes são mais hábeis no promover boas relações. A confiança se traduz, assim, em atos de fé.

Os **Metallica** na canção “*Nothing else matters*” diziam; “*Procuro a confiança e a encontro em ti/ Cada dia, para nós é algo de novo/ Assim próximo, não importa até onde/ não poderia ser muito distante do coração/ devemos sempre crer em quem somos/ não, não importa nada mais*”. Os atos de fé criam novas possibilidades, derrubam barreiras e ajudam a estabelecer novas relações. De fato, permitem mesclar ideias e modos inesperados para criar novas redes e novas

alianças. Pode-se afirmar, pois, que a confiança é a estrada na qual viajam as novas ideias. A confiança promove a mudança. O famoso rapper dos Estados Unidos **Big Sean**, com **Kanye West** e **John Legend**, na canção “*One man can change the world*” diz: “*Espero que você aprenda a se virar sozinho/ e se você ama a si mesmo/ sabe que não estará nunca sozinho... / E quando obtém tudo/ lembre-se somente de uma coisa/ Lembre-se de uma coisa: aquele único homem poderia mudar o mundo*”. A confiança deriva da coragem de correr riscos, mas, ao mesmo tempo de permanecermos vulneráveis. Permite assumir empenho com outra pessoa antes de saber como se comportará e sem poder prever com certeza o êxito da interação. A socióloga **Rachel Botsman** disse que: “A confiança é uma relação otimista com o desconhecido”, ou “com Deus” como narra **Lauren Daigle**, a cantora cristã norte americana, em *Trust in you*: “*Quando Tu não moves as montanhas, preciso de Ti para mover-me/Quando Tu não divides as águas, desejarei conseguir caminhar através delas/ Quando Tu não dás as respostas quando grito a Ti/ Eu confiarei, eu confiarei, eu confiarei em Ti/ A verdade é que Tu sabes o que reserva o amanhã/ Não há um dia antes que Tu não tenhas visto/ Assim, em todas as coisas és a minha vida e o meu respiro/ Eu quero aquilo que Tu queres, Senhor, e nada mais*”.

“É bom ter esta confiança humana, entre nós. Mas não nos esqueçamos a confiança no Senhor: esta é a chave do sucesso na vida”. (Papa Francisco)



Big Sean: Presley Ann/Patrick McMullan/Getty Images

Lauren Daigle CREDIT: MARK HUMPHREY/AP/REX/SHUTTERSTOCK

MENGONI: @ALVARO BEAMUD CORTES

Minari

di Lee Isaac Chung

Andrea Petralia

andrea.petralia95@gmail.com

Minari é o quarto filme do regista americano de origem sul coreana Lee Isaac Chung. É o retrato parcialmente autobiográfico do seu crescimento como menino na dimensão rural do Arkansas nos anos '80, em uma região isolada e por certo, não resplandecente dos Estados Unidos. É justamente através dos doces olhos e coração aberto do pequeno David, de sete anos, que o regista consegue narrar uma parte da sua história, como nunca havia conseguido.

O filme narra o *sonho americano*, o encontro não sempre fácil de dois mundos, o americano e do país de origem, mas também de três gerações diferentes, no interior de uma família na qual o “chefe da família” Jacob fez de tudo para oferecer um futuro melhor aos filhos, sem perder o amor da esposa Mônica. Provenientes da Califórnia, se transferiram para o Arkansas, em pleno sul agrícola. Espera-os uma casa com as rodas na busca de um novo início, o que desagrada não pouco a Mônica, mas estimula Jacob a estabelecer para si uma rotação de negócios próprios, pondo fim ao trabalho extenuante e repetitivo com o qual conseguiam apenas sobreviver. Quis criar do nada uma fazenda própria para cultivar hectares de verduras coreanas que faltam tanto aos 30 mil imigrantes que deixavam a cada ano aquele país para conseguirem um futuro diferente na América. Estamos nos anos 80 e a Coreia não era ainda aquela realidade econômica que conhecemos hoje. Pequenas e grandes operações de adequação cultural, de tradições para os adultos, bem mais natural para os filhos, cuja vida cotidiana é colocada em discussão pela chegada da excêntrica e não comum avó Soonja; os menores estão a esta

altura, assimilados culturalmente, enquanto ela “cheira Coreia”, além de tudo demonstrando-se logo “não uma verdadeira avó”,



Data de lançamento: 26 de abril de 2021

Gênero: Dramático

Ano: 2020

Regia: Lee Isaac Chung

Atores: Steven Yeun, Yeri Han, Youn Yuh-Jung, Alan S. Kim, Will Patton, Scott Haze, Noel Cho, Darryl Cox, Ben Hall

País: USA

Duração: 115 min

Distribuição: Academy Two

Roteiro: Lee Isaac Chung

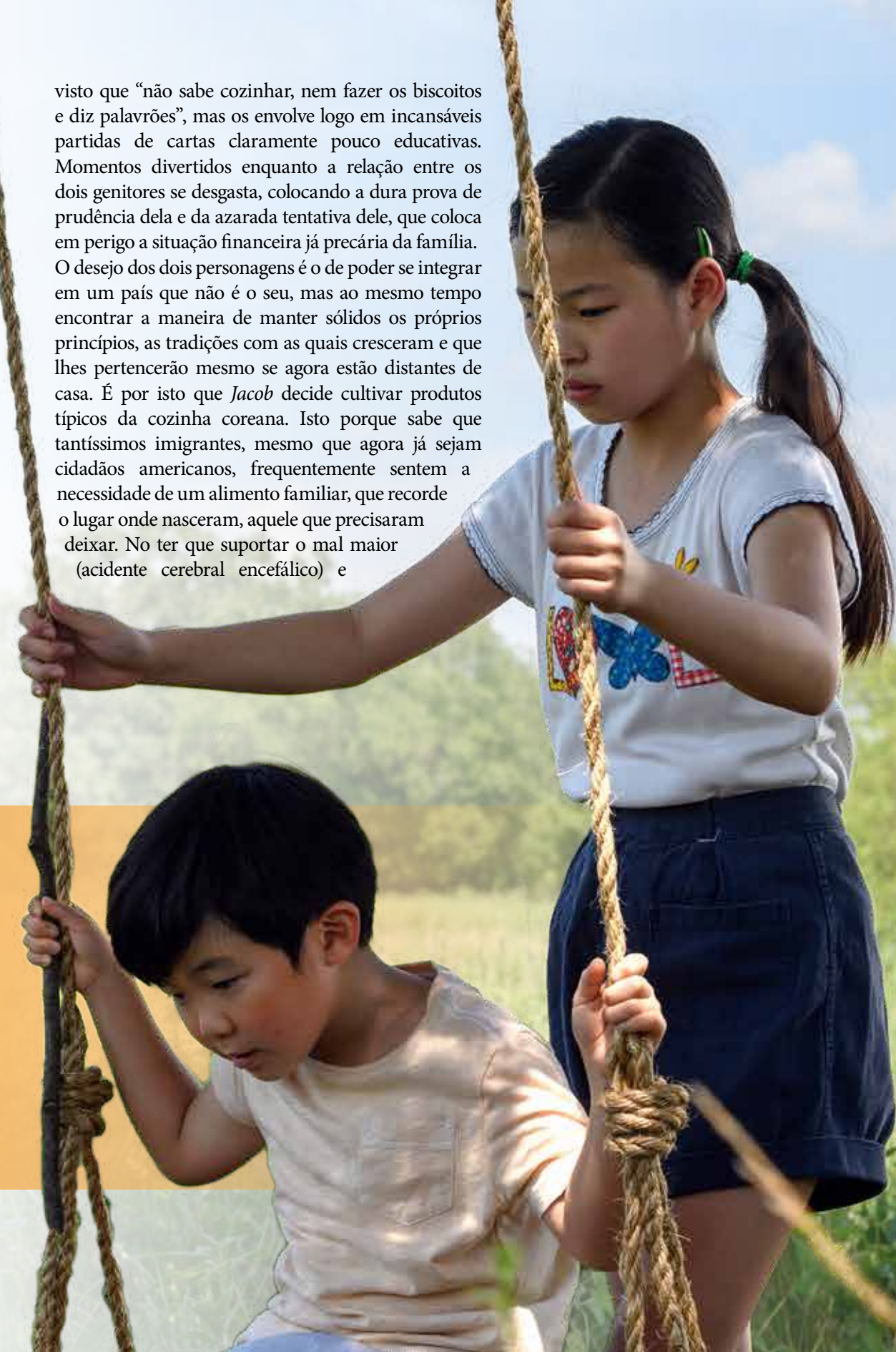
Fotografia: Lachlan Milne

Montagem: Harry Yoon

Músicas: Emile Mosseri

Produção: Plan B Entertainment

visto que “não sabe cozinhar, nem fazer os biscoitos e diz palavrões”, mas os envolve logo em incansáveis partidas de cartas claramente pouco educativas. Momentos divertidos enquanto a relação entre os dois genitores se desgasta, colocando a dura prova de prudência dela e da azarada tentativa dele, que coloca em perigo a situação financeira já precária da família. O desejo dos dois personagens é o de poder se integrar em um país que não é o seu, mas ao mesmo tempo encontrar a maneira de manter sólidos os próprios princípios, as tradições com as quais cresceram e que lhes pertencerão mesmo se agora estão distantes de casa. É por isto que Jacob decide cultivar produtos típicos da cozinha coreana. Isto porque sabe que tantíssimos imigrantes, mesmo que agora já sejam cidadãos americanos, frequentemente sentem a necessidade de um alimento familiar, que recorde o lugar onde nasceram, aquele que precisaram deixar. No ter que suportar o mal maior (acidente cerebral encefálico) e



após ter causado aquela que poderia ser a definitiva derrota da família Yi (o incêndio do celeiro), a avó *Soonja* vai concentrando tanto em si o passado que deve ser superado, quanto o ser, a próprio modo, portadora de uma nova paz. Aquela que a família reencontrará justamente após as chamas em torno e dentro da cabana agrícola. São exatamente o mais jovem e a mais idosa que plantam as sementes de um futuro diferente para a família, aquelas do “minari”, uma espécie de versão picante e coreana da salsinha, um ingrediente-chave dos “*Kimchi*”, o prato nacional coreano, que representa o fruto comum, o legado final do percurso de crescimento - também emotivo - da relação entre avó e neto.

Minari se torna, assim, o encontro entre duas culturas, duas sociedades diferentes, dois modos de ver o mundo. Um externo e outro interno. O externo diz respeito ao abismo que divide o Ocidente da Ásia, a América da Coreia do Sul. Procurando integrar-se em um sistema de qualquer modo difícil - embora mais promissor do que aquilo que lhes seria reservado na própria pátria - os personagens de *Jacob* e Mônica decidem de qualquer maneira, partir. Decidem agir, transferir-se, mesmo que o enraizar-se em uma terra aparentemente acolhedora, mas ao mesmo tempo mesquinha, comporte obstáculos que parecem não ter mais fim. A película, poética, doce e comovente, candidata a seis prêmios *Oscar*, obteve o Prêmio como a Melhor atriz não protagonista - *Yuh Jung Youm* - e um “*Golden Globe*” como **Melhor Filme Estrangeiro**.

É um filme de renascimento no qual toda a narração se concentra sobre o cultivo dos campos, a puericultura e a cultura como vetor de integração social sem desvalorizar a identidade pessoal. O “minari”, plantado na proximidade de um poço de água, se torna premissa e promessa de felicidade que não se pode procurar mas pode-se retirar do caso.

Minari é um filme de fé, de busca - origem (Coreia

e USA) registro de caso (avó, neto), relação (marido, mulher) - ‘que situa um ponto no terreno onde plantar as sementes de ‘minari’.

A possibilidade da água, não fim em si mesmo, mas hipoteca de vida: água lustral, água que batiza o futuro, que irriga a esperança. Uma missão que *Lee Isaac Chung* entrega ao formato família: seu estar junto alimenta a narração, aperfeiçoa fatos e pulsações *suspense* e *pathos*, com quadraturas oblíquas, entradas sonoras e tudo que não entra na quadratura cinematográfica sempre em atividade. Talvez, no fundo, no profundo que nos faz enamorar-nos de ‘minari’ é que, atrás de suas boas maneiras, atrás da escolha de aguçar o olhar, mais do que alçar a voz, é um filme, e uma ideia do mundo da arte, que não abdica do conflito, de Homens com a Natureza (e o Estado), do Homem com a Mulher, dos Velhos com o Futuro, e dos Jovens com o Passado. E que antes de encontrar uma água salvífica - sabe preferir o conforto ao contraste, a nova partida à terra queimada - é síntese sem antítese.

Minari é um filme pequeno, mas de fortíssima potência de significação. Consegue envolver o coração, prender o espectador em um turbilhão de emoções contrastantes, rápidas e intensas que depois se recompõem. É um verdadeiro tratado sobre imigração; ontem como hoje é uma joia produzida por *Sandra Oh* que conquista diretamente os corações. É narração de um sonho de uma família, símbolo da grande comunidade de migrantes que define o rumo na direção de Países de economias florescentes, atraída por promessas de futuro. *Minari* é uma sugestão poética que versa sobre a necessidade de acolhida, de integração, mas, ao mesmo tempo, de custódia das próprias raízes identitárias: *Jacob* e seus caros querem ser americanos, sem, porém, renegar a si mesmos e ao próprio passado.

Além de ser uma nova obra cinematográfica que vai narrando a imigração através da intimidade e de um olhar sempre universal, é uma obra destinada a enriquecer o mundo e as suas contínuas, infinitas contaminações. *Minari* é uma maravilhosa metáfora social para o nosso tempo, um filme que predispõe à escuta e ao encontro.

Sinodalidade missionária e Igreja africana

Pascaline Affognon, FMA

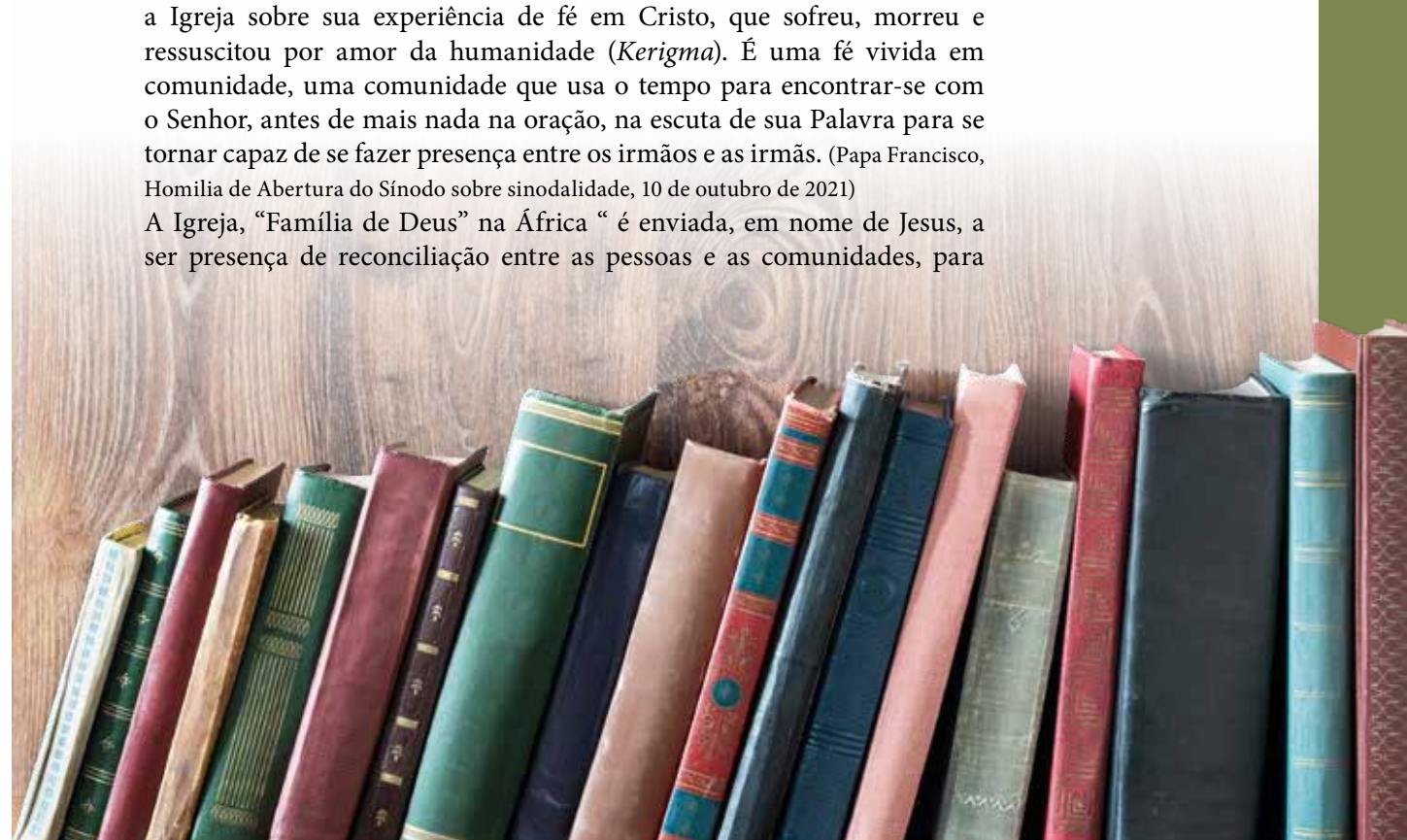
linaamorevolezza@gmail.com

Na exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (19), a respeito do anúncio do Evangelho no mundo atual, Papa Francisco falando da vida da Igreja, da Igreja em saída, diz: “A evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: “*Ide, pois, e fazei discípulos todos os povos, batizando-os no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo aquilo que vos ordenei*” (Mt 28, 19-20). Nestes versículos se apresenta o momento em que o Ressuscitado envia os seus a pregar em todo o tempo e em todo lugar, de modo que a fé n’Ele se difunda em cada ângulo da terra”.

■ Um caminho junto para fazer frente aos desafios à luz de Cristo.

O mandato de anunciar a Boa Nova na contemporaneidade interpela a Igreja sobre sua experiência de fé em Cristo, que sofreu, morreu e ressuscitou por amor da humanidade (*Kerigma*). É uma fé vivida em comunidade, uma comunidade que usa o tempo para encontrar-se com o Senhor, antes de mais nada na oração, na escuta de sua Palavra para se tornar capaz de se fazer presença entre os irmãos e as irmãs. (Papa Francisco, Homilia de Abertura do Sínodo sobre sinodalidade, 10 de outubro de 2021)

A Igreja, “Família de Deus” na África “ é enviada, em nome de Jesus, a ser presença de reconciliação entre as pessoas e as comunidades, para



promover em todos a paz e a justiça na verdade”. (Papa Bento XVI, Exortação Apostólica *Africae Munus sobre a Igreja na África a serviço da reconciliação, da justiça e da paz*, n.1, 19/11/2011).

A Igreja na África, em comunhão com a Igreja universal, trabalha por uma nova evangelização do Continente da Esperança, em um contexto em que a família desenvolve ainda uma função fundamental em âmbito social (*Africae Munus*, 42-43). No seu primeiro Sínodo reafirmou a ideia força de uma Igreja “Família de Deus”, em um caminho de sinodalidade. Uma sinodalidade que implica a participação de todos, de todos que pertencem ao Povo de Deus, em todos os níveis.

A preparação do primeiro e segundo Sínodo da África foi obra dos africanos: bispos, leigos e leigas, especialistas, simples fieis. Assim escrevia João Paulo II: “Devo acrescentar que a resposta dos Africanos ao meu apelo para participarem da preparação do Sínodo, foi verdadeiramente admirável.

A acolhida dada aos “*Lineamenta*”, seja dentro que fora das comunidades eclesiais africanas, superou largamente toda previsão. Muitas Igrejas locais se serviram desse documento para mobilizar os fiéis e, desde então, podemos sem dúvida dizer que os frutos do Sínodo começam a se manifestar em um novo empenho e em uma renovada tomada de consciência dos cristãos da África” (João Paulo II, Exortação Apostólica Pós Sinodal *Ecclesia in Africa*, n.26, 14/9/1995).

A participação e a interação positiva entre as pessoas de um grupo, entre os membros de uma comunidade é uma forma de Sinodalidade, um “viver junto”, um “caminhar junto”, um “agir junto” por um caminho de comunhão. O estilo de cooperação é visto como uma ótica da comunhão e toma o nome de “*Arbre à Palabre*” ou “*a Palabre*”

■ A “Palabre” africana

A “*Palabre*” é o título do livro de Jean -Godedroy Bidima. É uma palavra que deriva da língua espanhola “*Palabra*” e significa “palavra”. É uma modalidade de encontro que tem como finalidade manter e reforçar os liames sociais; é uma instituição social por meio da qual a comunidade, a vida participa da vida coletiva. A “*Palabra*” é o lugar onde a palavra é dada e recebida. É o local onde a sociedade se interroga sobre suas referências, toma a distância para um diálogo ininterrupto consigo mesma e com o outro. A “*Palabra*” apresenta a originalidade de combinar frequentemente os códigos e a rede de relações

com modalidades e finalidades de festa (Jean -Godedroy Bidima, *La Palabre. Une juridiction de la parole*, Michalon Editeur, 2015, 9-10).

Nas sociedades tradicionais, há duas formas de “*Palabre*”; a irênica e a agonística. As “*Palabras*” irênicas acontecem ao redor do nascimento de um menino, na celebração do Matrimônio, em um funeral, na escolha de um chefe, na festa da primeira colheita. As *Palabras* agonísticas são ambientes de gestão de conflitos, espaços de reconciliação, uma espécie de tribunais. Apesar de seus limites permanece nas sociedades africanas, uma linguagem existencial e normativa, em meio de coordenação das palavras que suscitam vida e harmonia social, seio onde se gera a fraternidade (Ignace Bisewo Pesa, *Ethique communicationnelle de la palabre africaine*, Perter kang GmbH, Frankfurt 2011, 3-4).

Estas formas de diálogo e do viver junto, apesar das profundas transformações que a África conhece na contemporaneidade, não desapareceram nas sociedades africanas. O primeiro Sínodo da África e Madagascar, *Ecclesia in Africa* quis reafirmar que a Igreja é família, onde o diálogo é possível por sua construção harmoniosa de comunidade humana. O segundo Sínodo tinha por objetivo a reconciliação, a justiça e a paz, justamente para procurar um modo novo de gerir as várias situações de conflito no continente.

As Igrejas africanas desenvolveram um importante trabalho no advento de multipartidarismo e da democracia. Alguns Bispos tinham o significativo empenho de mediar o reestabelecimento da justiça e da paz em seus territórios e Países. O diálogo e a escuta permitiram um eficaz desenvolvimento das comissões “reconciliação e paz”, de vários passos de paz em várias cidades, embora a questão da paz seja muito mais complexa.

■ Diálogo e processo social de interação e de intercompreensão

A Sinodalidade é um conceito eclesial muito querido ao Papa Francisco, um convite, como Vigário de Cristo na terra, ao voltar no Evangelho, a redescobrir a amizade social e a fraternidade

(Papa Francisco, Carta Encíclica *Fratelli tutti sobre a fraternidade e a amizade social*). A Sinodalidade é um novo modo de viver junto em Cristo, em um clima de acolhimento e valorização recíproca, um modo de agir junto, sob a orientação do Espírito Santo, com os irmãos e as irmãs para procurar o bem comum, a harmonia e a amizade social. O diálogo, a escuta recíproca são condições para a realização de uma vivência sinodal, de uma vida de comunhão. Nós os encontramos no Evangelho, e alguns aspectos culturais da África podem favorecer o diálogo, por exemplo, a “*Palabre*” (Papa Francisco, Homilia da Eucaristia da Abertura do Sínodo sobre Sinodalidade, 10 de outubro de 2021).

Nas comunidades não só tradicionais africanas o viver junto é regulado pelo diálogo, pela “*Palabre*”. É um processo social que favorece a alegria de estar junto e a resolução dos conflitos inevitáveis na relação entre pessoas humanas. É um modo significativo e comum de buscar junto a verdade e o bem comum, preservando os liames sociais. É o lugar onde se atualiza a justiça, tanto que se fala de lugar por excelência do diálogo e da política (Jean-Godefroy Bidima, *La Palabre. Une juridiction de la parole*, 9-10).

O Sínodo sobre sinodalidade nos oferece a oportunidade de viver como irmãos e irmãs em Cristo. É a simples escola de humildade onde somos chamados a “não colocar os olhos em nós mesmos, mas no outro”, para construir junto a Igreja, para ser luz de Cristo no mundo. Maria, Imaculada, soube fazer isto na docilidade ao Espírito Santo.

O Capítulo Geral XXIV do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora nos interpela a viver como a Virgem Maria em Caná: uma presença atenta às necessidades das crianças, dos jovens e de cada pessoa que encontramos. É Ela que nos ensina a ver, rezar e agir, não um agir solitário mas comunitário, em um clima de solidariedade, para gerar o vinho da vida nova nas comunidades, na missão. “Assumamos a Sinodalidade como estilo de vida que gera novas modalidades de participação, de animação e de governo (Madre Chiara Cazzuola, Circular 1012).



É tempo de ... escuta

56

camila

Queridos amigos,

Desejo cumprimentá-los no início deste novo ano, repleto de esperança a ser partilhada. A experiência do Capítulo Geral XXIV trouxe o milagre do vinho novo, solicitado pela presença atenta de Maria convidando-nos a celebrar o caminho empreendido com os seus desafios. Trouxe-nos o dom da nova Madre Geral: bem-vinda Madre Chiara Cazzuola! Conte com nossa vizinhança e a oração desta humilde filha Camila e de todos os amigos, leitores e interlocutores desta preciosa Revista das Filhas de Maria Auxiliadora *Da mihi animas*. Nossa saudação e augúrio às Irmãs do Conselho Geral que nos acompanharão na nova aventura da vida.

Todo o Instituto das FMA está em sintonia com a Igreja no caminho da sinodalidade e estamos prontos, atentos à chamada da *escuta*, a iniciar junto este percurso. *A escuta* é própria do ato de comunicação e leva ao diálogo, portanto eduquemos nossos ouvidos e as nossas palavras para tecer reciprocidade. Somos conscientes de que estamos todos “conectados” e assim cresce a rede de comunhão, a partir das mãos de Deus e, n’Ele a toda a criação.

Caros amigos, creio que estamos prontos para “*descerna Cafarnaum*” contemporânea e continuar a escutar os gemidos de uma realidade sofrida que nos interpela. A escuta evangélica será *energia em ação* para quem escuta e para aquilo que fazemos. Será *força fecunda* em toda relação, porque somos chamados a ser coerentes em tudo aquilo que dizemos como o fizemos. O Sistema Preventivo terá uma nova vitalidade nos nossos ambientes educativos em um tempo no qual somos chamados a responder com *audácia e coragem* às interpelações emersas no CGXXIV.

Pensemos nos jovens: *qual é a nossa capacidade de compreender as novas gerações, de realizar com elas um autêntico diálogo, de ser para elas adultos que não temem o confronto? Somos capazes de ouvi-las até o fim?*

Somos chamados a criar ecossistemas educacionais que favoreçam o diálogo, ajudando as pessoas a estar bem, a interrogar-

se na profundidade de si mesmas e continuar a aprender junto para transformar a sociedade.

Papa Francisco, no lançamento da fase diocesana do percurso sinodal, convida a “*deixar-nos sacudir pelo diálogo*” dirigindo um forte encorajamento a seguir a voz do Espírito Santo que não conhece confins, a escutar cada membro do único povo de Deus e também todos que vivem à margem da comunidade. *Sinodalidade não é um slogan, significa essencialmente*

“caminhar junto. “Ter ouvidos, escutar, é o primeiro empenho. Trata-se de ouvir a voz de Deus, perceber a sua presença”. No seu discurso Papa Francisco indica aquele que é o primeiro empenho de um processo sinodal pensado “como dinamismo de escuta recíproca, conduzido em todos os níveis de Igreja, envolvendo todo o povo de Deus” na escuta do Espírito Santo (Cf. Adriana Masotti, Cidade do Vaticano).

Com este apelo, continuemos o caminho, acompanhados por Jesus, escutando como os seus discípulos a mensagem salvífica que nos prepara para celebrar um novo tempo pascal no mundo.

Saúdo-os com grande afeto, espero que sejam muitos os que leem o D.M.A. , para fecundar juntos uma rede de Boas Notícias a serem compartilhadas em todo lugar. Até mais ver!

P. de C.



Vida Gerada pelo Espírito

“Não esqueçamos a graça das origens” (Da Circular 1014 de Madre Chiara Cazzuola, 24 de janeiro 2022).

São passados 150 anos e aqui estamos para recordar. Recordari - do latim - quer dizer recolocar no coração, porque a memória, segundo os antigos, residia no coração. Recordando os 150 anos não desejamos simplesmente experimentar saudades dos belos tempos passados, mas trazê-los ao coração para retomar a vida, para sentir pulsar em nós, na profundidade, aquela *“força geradora do carisma de Dom Bosco, vivido em estilo feminino em Mornese e em Nizza Monferrato, de modo criativo e genial por Madre Mazzarello e as primeiras comunidades, juntamente com as jovens e colaboradoras leigas”*. Muitas de nós não existíamos ainda, no entanto a história de Madre Mazzarello e das primeiras Comunidades de Mornese é parte da nossa memória coletiva; é o testemunho corajoso *“do ser sinal de amor proveniente de Deus no mundo e na Igreja, “auxiliadoras” da vida, cuidadoras de alegria e da esperança”*. Coragem! Vamos em frente com coração grande e generoso. (Madre Mazzarello, Carta 47,12)

A audácia missionária é sempre uma escolha, diante da necessidade de mudar as coisas tem-se a possibilidade de tomar posição. A história de Madre Mazzarello e das primeiras Comunidades de Mornese é a história de quem escolhe mesmo sabendo de correr risco. A ação delas levou outras jovens a entender que era possível fazer escolhas corajosas, dar plenitude a suas vidas, caminhar junto e construir um mundo de fraternidade e de esperança. *“O Instituto terá um grande futuro, se vos mantiverdes simples, pobres e mortificadas”*. (Dom Bosco às primeiras FMA, Cronistória I 305-306).

Maria caminha nesta casa: é o slogan dos 150 anos de Fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (1872 - 2022), referência clara às palavras que Dom Bosco dirigiu às FMA no seu último encontro em Nizza Monferrato (Itália) em 1885: *“Nossa Senhora passeia nesta casa e a cobre com o seu manto”* (Cf. Cronistória V, 51-52).

No Logo é visível MARIA, guia e inspiradora no acompanhar a vivência da força geradora do carisma na contemporaneidade, *“Aquele que tudo fez”* e que protege com o seu manto” (elemento gráfico azul e rosa) a indicar a sua presença premurosa e materna nos cinco continentes.



(<https://drive.google.com/drive/folders/1Gn3H6Th0P9rkV-2LUibtCIzrRGrVCxdW>)

A autora é Maria Fernanda Bastidas Zapata, ex-aluna da Escola Maria Auxiliadora de Medellín na Inspeção Maria Auxiliadora (CMA) e membro do Movimento Juvenil Salesiano.

Caminhando com Maria é o título do Hino para o sesquicentenário do Instituto das FMA que evoca a alegria e a esperança, radicadas na fé e no carisma salesiano, na certeza de que *“Maria está ativamente presente e continua a sua missão no Instituto das FMA como Auxiliadora e Mãe”*



O autor é Juan Javier Bernal García, Salesiano Cooperador e Diretor do Colégio FMA Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Rota (Cádiz) - Espanha.

(<https://soundcloud.com/user-24146069/caminhando-con-maria>)

“A sinodalidade
não é uma estrada de saída.
É preciso abrir-se ao inesperado de Deus que,
por meio da escuta dos outros,
chega a tocar-nos, a sacudir-nos,
a modificar-nos interiormente”.

(Nathalie Becquart)



Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice
Salesiane di Don Bosco

